

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO SÓCIO ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

GUSTAVO RUGONI DE SOUSA

**MÓVEIS CIMO S.A: ESTUDO EXPLORATÓRIO DE HISTÓRIA ECONÔMICA
COM FOCO EMPRESARIAL E REGIONAL**

FLORIANÓPOLIS, 2013

GUSTAVO RUGONI DE SOUSA

**MÓVEIS CIMO S.A: ESTUDO EXPLORATÓRIO DE HISTÓRIA ECONÔMICA
COM FOCO EMPRESARIAL E REGIONAL**

Monografia submetida ao curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Bacharelado.

Orientador: Prof. Dr. Hoyêdo Nunes Lins

FLORIANÓPOLIS, 2013

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

A Banca Examinadora resolveu atribuir a nota 9,5 ao aluno Gustavo Rugoni de Sousa, na disciplina CNM 5420 – Monografia, pela apresentação desse trabalho.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Hoyêdo Nunes Lins
Orientador

Prof. Dr. Helton Ricardo Ouriques

Prof^ª. Dr.^a. Vera Lucia Gaspar da Silva

*Dedico este trabalho aos meus pais Helder e Lúcia,
meus exemplos de amor e dedicação.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a toda a minha família que esteve sempre ao meu lado. Tenho a certeza que vocês foram e são a minha grande inspiração. A minha mãe Lúcia e meu pai Helder, por todo o amor, carinho e dedicação ao longo da minha vida. A minha irmã Giselli, pelo companheirismo e afeto que nunca faltou nos momentos mais difíceis. Agradeço minha grande amiga, parceira, revisora textual e irmã Luciana, que esteve sempre ao meu lado e que nunca deixou de acreditar em mim. Ao meu amado sobrinho Guilherme, por mostrar todos os dias o quanto a vida é preciosa, sincera e bela. Faço um agradecimento especial a minha querida tia Rosa Julia que sempre esteve ao meu lado ao longo destes anos e que nunca mediu esforços para me ajudar, orientar e demonstrar todo o seu amor.

Agradeço a minha namorada Ana Paula por todo o amor, amizade e confiança. Obrigado por fazer a minha vida ser cada vez mais especial. Sou grato também aos meus amigos e irmãos que compartilharam ótimos momentos durante o curso. Em especial, Antonio Marques, Artur Zanata, Carolina Bilha, César Scotti, Diego Eller, Diego Vieira, Felipe Benatto, Ivan Takahashi, João Bertoli, José Meirelles, Robson Dutra, Rafael Borges, Rafael Curi, Renan Pereira e Vitor Versore.

Por fim, agradeço a todos os professores do curso de Ciências Econômicas, pelo aprendizado e dedicação em fornecer um ensino de qualidade. Dentre eles, faço um agradecimento especial ao meu professor orientador Hoyêdo Nunes Lins por todas as contribuições e disponibilidade durante a elaboração deste estudo. Agradeço também a professora da UDESC, Vera Lucia Gaspar da Silva pela amizade, incentivo e orientações.

“Os principais defeitos da sociedade econômica em que vivemos são a sua incapacidade de proporcionar o pleno emprego e a sua arbitrária e desigual distribuição de riqueza e rendas”.

John Maynard Keynes (1936, p. 253)

RESUMO

Esta pesquisa insere-se nas discussões de história econômica e tem como foco um setor industrial e uma região de Santa Catarina. Desta forma, optou-se por investigar a trajetória da Móveis CIMO S.A, a qual localizava-se na região de São Bento do Sul, mais precisamente no município de Rio Negrinho. A partir dos estudos de Henkles (2013), Klostermann (2009), Santi (2000), foi possível identificar indícios de que a Móveis CIMO S.A tenha sido uma das maiores empresas na produção de móveis da América Latina, durante as décadas de 1930 a 1960. Além disso, foram encontradas fontes que trouxeram vestígios das contribuições desta para a formação do município de Rio Negrinho. Desta forma, este estudo organiza-se em três sessões: a primeira apresenta uma análise da configuração geral da indústria moveleira brasileira, suas características, principais polos, bem como uma breve descrição a respeito da transição da fabricação artesanal para a produção seriada no Brasil; na segunda sessão coloca-se em destaque a configuração do estado catarinense e da região de São Bento do Sul, além disto, a partir dos trabalhos de Alcides Goularti Filho apresenta-se a formação econômica catarinense; a última sessão, por sua vez, possui a história da Móveis CIMO S.A em evidência. Nesta sessão são elaboradas discussões sobre as diferentes razões sociais que a empresa adotou durante a sua trajetória, além das contribuições desta para a constituição do município de Rio Negrinho e para a indústria moveleira brasileira.

Palavras-chave: História Econômica; Desenvolvimento Regional; Móveis CIMO S.A.

ABSTRACT

The current research integrates the discussion of economic history and has as its focus on an industrial sector and a region of Santa Catarina. With this, we choose to investigate the trajectory of *Móveis CIMO S.A.*, which was located in São Bento do Sul region, more precisely in the city of Rio Negrinho. From the studies of Henkles (2013), Klostermann (2009), Santi (2000) it was possible to notice indications that the *Móveis CIMO S.A.* has been one of the biggest furniture production companies in Latin America from the decades of 1930 to 1960. Additionally, sources were found tracing the contributions that this company has brought to the formation of Rio Negrinho. This study is organized into three sections: the first presents an analysis of the general configuration of the Brazilian furniture industry, its characteristics, main poles, as well as a brief description about the transition from artisanal to serial production in Brazil; the second session highlights the configuration of the state of Santa Catarina and the São Bento do Sul region, furthermore, from the works of Alcides Goularti Filho, Santa Catarina's economic formation is presented; the last section contains the history of *Móveis CIMO S.A.* in evidence. In this section discussions are made about different social reasons that the company adopted during its trajectory and also its contributions to the construction of the city Rio Negrinho and to the Brazilian furniture industry.

Key-words: Economic History; Regional Development; *Móveis CIMO S.A.*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Importações do setor moveleiro brasileiro de 1996 a 2012, em milhões de dólares	22
Gráfico 2 - Exportações do setor moveleiro brasileiro de 1996 a 2012, em milhões de dólares	23
Figura 1 – Localização dos principais polos moveleiros brasileiro	25
Figura 2 – Mapa político de Santa Catarina	30
Gráfico 3 – Pirâmide demográfica de Santa Catarina – 2000	31
Gráfico 4 – Pirâmide demográfica de Santa Catarina – 2010	32
Gráfico 5 – Evolução do PIB do Brasil e de Santa Catarina (em milhões de reais)	33
Figura 3 – PIB per capita dos municípios catarinenses em R\$	34
Gráfico 6 – Participação do PIB total e industrial de Santa Catarina em relação ao PIB nacional - 1995 – 2010	35
Figura 4 – Localização das áreas de produção de móveis no estado de Santa Catarina	42
Figura 5 – Vista da Firma A. Ehrl & Cia. em 1923	48
Figura 6 – Catálogo da A. Ehrl & Cia. após os prêmios obtidos	50
Figura 7 – Modelos das cadeiras N. 25, N. 32 e da poltrona N. 32 comercializadas pela A. Ehrl & Cia	51
Figura 8 – Modelos de cadeiras N. 2, N. 3 e N. 4 comercializadas pela A. Ehrl & Cia	52
Figura 9 – Cadeira 1001 produzida pela Móveis Cimo S.A	56
Figura 10 - Exemplo das atividades comerciais da fábrica com o estado catarinense, em 1932	57
Figura 11 - Proposta para o fornecimento de mobiliário	58
Figura 12 – Exemplo de prêmios recebidos pela Fábrica	59
Figura 13 - Logomarca da Companhia Industrial de Móveis – CIMO	61
Figura 14 – Informações da Móveis CIMO	62
Figura 15 – Cartão de Natal do município de Rio Negrinho na década de 1940	64

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Importações do setor moveleiro brasileiro de 1996 a 2012	22
Tabela 2 – Exportações do setor moveleiro brasileiro de 1996 a 2012	23
Tabela 3 – Número de estabelecimentos empresariais do século XIX a 1920	29
Tabela 4 - Posição do PIB e da renda per capita de Santa Catarina na economia brasileira	34
Tabela 5 – Características das cadeiras N. 2 e N. 4 produzidas pela A. Ehrl & Cia.	52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABIMOVEL	Associação Brasileira das Indústrias do Mobiliário
APL	Arranjo Produtivo Local
APL-AVRN	Arranjo Produtivo Local Madeira Móveis Do Alto Vale do Rio Negro
BDE	Banco de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina
BESC	Banco do Estado de Santa Catarina
BRDE	Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul
CIMO	Companhia Industrial de Móveis
DASP	Departamento de Administração do Serviço Público
FIEP	Federação das Indústrias do Paraná
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MPME	Micro, Pequenas e Médias Empresas
PIB	Produto Interno Bruto
RAIS/MTB	Relação Anual de Informações Sociais – Ministério do Trabalho
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA	13
1.1 Introdução.....	13
1.2 Objetivos.....	15
1.2.1 Objetivo geral	15
1.2.2 Objetivos Específicos	15
1.3 Metodologia.....	16
2 A INDÚSTRIA DE MÓVEIS NO BRASIL	18
2.1 O Cenário Brasileiro.....	18
2.2 Os principais polos moveleiros brasileiros.....	24
2.3 A indústria moveleira brasileira: do artesanal à fabricação seriada	27
3 O ESTADO DE SANTA CATARINA E A REGIÃO DE SÃO BENTO DO SUL.....	30
3.1 Caracterização geral do estado de Santa Catarina	30
3.1.1 Composição e localização do território	30
3.1.2 Indicadores demográficos.....	31
3.1.3 Indicadores sociais do território	32
3.1.3.1 PIB e nível de renda.....	33
3.1.3.2 Indicadores da Saúde, Educação e Saneamento Básico	35
3.2 Formação Econômica de Santa Catarina.....	36
3.2.1 Origem e crescimento do capital industrial (1880 a 1945).....	36
3.2.2 Diversificação e ampliação da base produtiva (1945 a 1962).....	38
3.2.3 Integração e consolidação do capital industrial (1962 a 1990)	39
3.2.4 Desarticulação política e reestruturação econômica (pós-1990)	40
3.3 O Arranjo produtivo de móveis da região de São Bento do Sul	41
3.3.1 Elementos históricos de constituição.....	43
4 MARCAS DE UM LEGADO: A MÓVEIS CIMO S.A	45
4.1 Os irmãos Zipperer	45
4.2 A Móveis Cimo S.A.	46
4.2.1 A Serraria e a fabricação de caixas.....	47
4.2.2 O início da fabricação de móveis	48

4.2.2 Um período de prosperidade.....	53
4.2.3 Da marca de sucesso à falência	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	69

1 TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA

1.1 INTRODUÇÃO

Atualmente o Estado de Santa Catarina é considerado o terceiro maior produtor de móveis do Brasil e o primeiro em exportação (APL-AVRN¹, 2013). Exemplo disso é o parque industrial moveleiro catarinense² - localizado na região norte do estado -, o qual faz parte de uma microrregião onde há, em média, 900 fábricas de móveis e contém, aproximadamente, 18 mil empregados, tendo em vista que cerca de 80% da produção realizada é direcionada para produtos de uso residencial (GORINI, 2013).

Nesse parque industrial moveleiro um conjunto de empresas formou-se e se desenvolveu, podendo ser denominado como um *Arranjo Produtivo Local* (APL) ou *clusters*, uma vez que este parque industrial representa atividades de empresas que estão em um mesmo espaço geográfico e trabalham com produtos afins e/ou relacionados. Com isso, a partir de atividades semelhantes, ocorrem contribuições significativas para o desenvolvimento regional e do setor, por meio da difusão de conhecimentos e inovações, por favorecerem o processo de criação, disseminação de conhecimentos e desenvolvimentos de competências (LASTRES, et al, 1999).

O APL de São Bento do Sul, desta forma, é importante para os aspectos econômicos e sociais do estado de Santa Catarina, pois como maior exportador brasileiro de móveis, gera empregos, renda, riquezas e desenvolvimento para uma importante microrregião do estado.

Este estudo destaca a trajetória da Fábrica Móveis CIMO (Companhia Industrial de Móveis)³, localizada em Rio Negrinho, e que apresenta indícios de ter sido uma das maiores empresas na produção de móveis da América Latina, entre as décadas de 1930 a 1960. E, de acordo com o Henkles (2013, s/p), a Fábrica foi “o maior impulso na modernização do quadro econômico de São Bento [...] se considera esta empresa como a primeira indústria na própria acepção moderna desse conceito a se desenvolver”.

Além disso, Ogama (2007) afirma que no período de 1920 a 1980 a Fábrica de Móveis Cimo S.A. foi também uma das mais importantes fábricas de móveis seriados do Brasil e,

¹ Arranjo Produtivo Local Madeira Móveis do Alto Vale do Rio Negro.

² O parque industrial moveleiro catarinense é denominado São Bento do Sul e engloba os municípios de São Bento do Sul, Rio Negrinho e Campo Alegre. Fonte: Gorini (2013).

³ A fábrica apenas adota esta razão social em 1954. Seu primeiro nome foi Firma Willy Jung e Companhia. De 1925 a 1954 sua denominação mudou várias vezes, porém a mais conhecida foi Jorge Zipperer e Cia. Fonte: (FERBER, et al., 2012).

inclusive, tornou-se referência dentro do setor moveleiro ao produzir grande variedade de produtos de alta qualidade e design. Heyse (2009), por sua vez, destaca que a história da Fábrica Móveis Cimo S.A. está entrelaçada à formação do município de Rio Negrinho, pois as atividades econômicas e sociais que ocorriam em torno da Fábrica contribuíram para que a região fosse primeiramente anexada como um distrito de São Bento do Sul e posteriormente - a partir da Lei Estadual nº 133 de 30 de dezembro de 1953 - como o município de Rio Negrinho.

A Móveis Cimo S.A., durante suas atividades, conquistou mercados e admiradores devido às novas tecnologias empregadas na produção de mobiliários e por conta da qualidade de seus produtos. Todavia, a partir dos anos de 1970, como indica Henkels (2013), a Fábrica passou a sofrer com a considerada concorrência empregada pelas novas indústrias recém-instaladas no país, as quais eram mais modernas e possuíam como matéria-prima a madeira condensada.

Com isso, a diminuição de lucros e a falta de recursos para que a Fábrica modernizasse seu padrão produtivo - além de dois incêndios a unidades fabris - contribuíram para que a Móveis Cimo S.A., em 1982, decretasse a falência, processo este que possui diferentes versões e mistérios.

Escolheu-se utilizar a Móveis CIMO como tema central nas discussões deste trabalho, mediante a apresentação da Profa. Dra. Vera Lúcia Gaspar da Silva nos estudos realizados em História e Historiografia da Educação⁴, a partir da noção de Cultura Material Escolar, enquanto estudante de graduação do curso de Pedagogia na Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Com o aprofundamento das pesquisas sobre a Fábrica, foram encontrados indícios e relações da Móveis CIMO com grupos escolares catarinenses.

Deste modo, pelo curso de Ciências Econômicas, ao qual esta pesquisa está vinculada, procura-se enriquecer os debates em torno da Fábrica, por meio da realização de estudos a respeito das contribuições que esta forneceu ao desenvolvimento do município de Rio Negrinho. A partir disso, este estudo de cunho histórico está focado em uma empresa específica, a Móveis CIMO, em um setor de produção industrial bem delimitado e em uma região do estado de Santa Catarina. Ao longo desta pesquisa será reiterada a importância desta empresa.

⁴ Estudos estes realizados na pesquisa por ela coordenada, denominada “OBJETOS DA ESCOLA: Cultura material da escola graduada (1870 1950) 2ª edição (CNPq/UDESC/FAPESC)”, a qual está vinculada ao Projeto Nacional “Por uma teoria e uma história da escola primária no Brasil: investigações comparadas sobre a escola graduada (1870-1950) (CNPq)”, coordenado pela professora Dr.^a Rosa Fátima de Souza.

A partir de um levantamento inicial em produções que se referem a Móveis Cimo S.A. nas duas maiores universidades catarinenses: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), não foi encontrado nenhum trabalho sobre esta empresa. O mesmo acontece quando pesquisado na base de dados da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Universidade Federal do Paraná (UFPR). A partir deste fato, este estudo buscou reunir documentos e informações mediante pesquisas realizadas em arquivos públicos, blogs⁵ de moradores disponíveis na internet, entrevistas e trabalhos. Com isso, organizou-se diversas informações sobre a Fábrica que encontravam-se na internet e em acervos.

Este estudo, portanto, pode vir a contribuir para aprofundar olhares, pesquisas e perspectivas sobre a formação econômica de Santa Catarina e o desenvolvimento regional, ao dar voz à história de uma importante empresa.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Concebido como pesquisa de história econômica e focalizado em um setor industrial e em uma região de Santa Catarina, este estudo tem como objetivo geral descrever a trajetória da empresa Móveis CIMO S.A., na busca de formar uma ideia sobre a sua importância setorial e regional.

1.2.2 Objetivos Específicos

- a) Apresentar uma análise da configuração geral da indústria moveleira brasileira;
- b) Fazer uma revisão da literatura a respeito da formação econômica do estado de Santa Catarina e da região de São Bento do Sul;

⁵ Segundo a Infoescola (2013), “O blog, ou weblog, é uma das ferramentas de comunicação mais populares da internet. A pessoa que administra o blog é chamada de blogueira(o) [...] característica dos blogs é a frequência de atualização. Alguns são atualizados diariamente, outros semanalmente, mensalmente e, em alguns casos, até várias vezes por dia. Cada atualização ou publicação no blog é chamadas de post (postagem)”.

- c) Apresentar a trajetória da empresa Móveis CIMO S.A., salientando o seu pioneirismo na produção de móveis no norte de Santa Catarina e o seu significado regional e setorial.

1.3 METODOLOGIA

Este estudo tem como objetivo ser uma pesquisa descritiva, uma vez que busca descrever as diversas influências da Móveis CIMO S.A. da região de São Bento do Sul. Assim, este estudo caracteriza-se pelo método indutivo, que segundo Lakatos & Marconi (1992, p. 106) é uma “aproximação dos fenômenos que caminha geralmente para planos cada vez mais abrangentes, indo das constatações mais particulares às leis e teorias”.

Como forma de constituir uma etapa mais concreta de articulação entre os fenômenos observados na investigação e na teoria, será utilizado o método histórico e estatístico, para assim buscar uma representação mais clara de como se deram os diversos processos econômicos e sociais na região em questão. Este fato que caracteriza este estudo como uma pesquisa de cunho qualitativa.

A pesquisa documental será realizada a partir da coleta de informações e fontes em museus, arquivos municipais e do estado, além de entrevistas a moradores. Para abranger a análise, será utilizada a pesquisa bibliográfica, que segundo Gil (2002, p.62) corresponde “aquela em que os dados são obtidos de fontes bibliográficas, ou seja, de material elaborado com a finalidade explícita de ser lido”.

Além da realização de uma investigação a fim de encontrar vestígios e rastros sobre a história da empresa, esta pesquisa dedicará parte de suas reflexões na procura e análise de catálogos e imagens dos produtos comercializados entre a empresa e o estado de Santa Catarina. Segundo Bastos et al. (2007) as imagens não devem servir apenas como ilustração, pois oferecem múltiplas possibilidades de leituras⁶.

⁶ O estudo de Bastos et al (2007) refere-se especificamente à linha da História da Educação, entretanto, compreende-se que esta análise pode ser estendida para as discussões desta pesquisa.

1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO

Este estudo está dividido em quatro capítulos. O primeiro apresenta o tema e o problema da pesquisa, os objetivos, a metodologia e a estrutura do trabalho.

O capítulo dois apresenta uma descrição do cenário atual da indústria moveleira brasileira, assim como realiza uma descrição dos principais polos nacionais e uma breve trajetória a respeito da história da indústria de móveis.

O terceiro capítulo realiza uma revisão da literatura a respeito da formação econômica e social da região de São Bento do Sul. Deste modo, é apresentado um breve histórico sobre a região.

Apresenta-se no capítulo quatro a Móveis CIMO S.A. Discorre-se sobre a história a respeito da Fábrica, salientando o seu pioneirismo na produção de móveis no norte de Santa Catarina e o seu significado regional e setorial.

Por fim, a última parte deste estudo apresenta as considerações finais e sugestões para futuros trabalhos.

2 A INDÚSTRIA DE MÓVEIS NO BRASIL

Este capítulo apresenta uma breve análise sobre a história da indústria moveleira brasileira. Primeiramente apresenta-se o cenário atual da configuração industrial de móveis no Brasil e, posteriormente, apresentam-se os principais polos moveleiros brasileiros e suas principais características. Por fim, realiza-se um breve histórico sobre a formação da indústria moveleira no Brasil, desde a fabricação artesanal até a produção seriada e destaca-se importância da Móveis Cimo S.A no contexto da indústria moveleira nacional.

2.1 O CENÁRIO BRASILEIRO

Segundo a Associação Brasileira da Indústria de Móveis (ABIMOVEL, 2013), existem no Brasil mais de 16 mil unidades produtoras de móveis e, aproximadamente, 13.500 micro, pequenas e médias empresas, que empregam cerca de 185 mil pessoas. Além disso, o setor moveleiro é basicamente formado por empresas familiares tradicionais com capital inteiramente nacional.

A indústria moveleira brasileira caracteriza-se pela utilização de diferentes processos de produção, diversas matérias primas e por uma grande diversidade de produtos finais. Devido a aspectos técnicos e mercadológicos, as empresas, em geral, se especializam em um ou dois tipos de móveis e podem ser segmentadas, dessa forma, de acordo com os materiais que utilizam no processo produtivo ou pela característica do produto final, como por exemplo, móveis para escritórios e/ou para cozinha (GORINI, 2000).

Além disso, Gorini (2000) destaca que o setor se caracteriza por uma grande demanda de mão de obra e apresenta um baixo valor adicionado (por unidade de mão de obra) em comparação a outros setores. Quanto à demanda, a autora evidencia que esta é muito segmentada, varia positivamente de acordo com o nível de renda da população e com o comportamento de alguns setores da economia, como por exemplo, a construção civil. Deste modo, a indústria moveleira brasileira é um dos primeiros setores a sofrer com as variações conjunturais da economia, uma vez que esse setor apresenta uma elevada elasticidade-renda da demanda.

Nesta direção, Comerlato (2007, p. 47) ressalta que “no que concerne à estrutura do setor, é importante assinalar que a indústria de móveis é tradicionalmente intensiva em mão de obra e em recursos naturais e que abrange desde empresas com fabricação do tipo artesanal

até grandes companhias com produção em grande escala”. A alta produtividade é possível, principalmente, devido aos móveis projetados do tipo *flat-pack* (liso e plano) ou *ready-to-assemble* (pronto para montar), pois esta tecnologia possibilita a produção em grande escala e atende, basicamente, a mercados de baixo e médio preço.

A partir dos estudos de Gorini (2000) é possível identificar que os gastos das famílias, no setor moveleiro, em geral são de 1% a 2% da renda disponível e são influenciados por fatores como: mudanças no estilo de vida da população, aspectos culturais, ciclos de reposição, bem como pelo investimento em marketing. Outro exemplo destacado pela autora é a importância da cooperação entre indústrias de móveis e de máquinas, pois, um setor onde a tecnologia é muito difundida e acessível, permite frequente atualização do processo produtivo.

Santi (2000) destaca que a produção no setor moveleiro oscila entre métodos artesanais e industriais em todas as regiões do Brasil. Por isso, é possível verificar um número muito pequeno de empresas com acesso às novas tecnologias que permitem o incremento de máquinas automatizadas e capacidade de um alto índice de produtividade.

Conforme Galinari et al (2013) a fabricação de móveis, mais especificamente os de madeira, pode ser avaliada como uma das mais tradicionais atividades da indústria de transformação. Estes autores apresentam que a indústria de móveis brasileira é especializada historicamente em produzir artigos a partir da madeira, tendo em vista que os fatores climáticos e geográficos do país favorecem esta atividade. A participação de importados, portanto, diz respeito às matérias-primas mais elaboradas como laminados de alta resistência, MDF e MDP revestidos, já que a maior parte dos insumos é adquirida de fornecedores nacionais.

Ainda para estes autores, a capacidade de geração de empregos e a distribuição em todo o território nacional, com a presença de pequenos empreendimentos, caracterizam a importância deste setor para a economia do país. Os dados da Relação Anual de Informações Sociais - Rais - 2011, do Ministério do Trabalho e do Emprego, apresentam que este setor foi responsável por 3,5% do emprego formal da indústria de transformação brasileira, “dados da Rais também evidenciam que, no conjunto de empresas formalmente constituídas do setor, predomina o emprego em estabelecimentos de portes micro, pequeno e médio (MPME). Em 2011, apenas 9% dos empregados da indústria de móveis trabalhavam em grandes empresas” (GALINARI et al, 2013, p. 234).

A respeito das micro e pequenas empresas, os estudos de Azevedo (2003) demonstram que estas se concentram no segmento de móveis sob medida⁷ e caracterizam-se pela elevada concentração de empresas informais que procuram atender o mercado local. Além disso, destaca-se que a maior parcela das micro e pequenas empresas brasileiras possuem máquinas e equipamentos obsoletos.

Conforme o volume 1 do Relatório de Acompanhamento Setorial da Indústria Moveleira (FERREIRA et al, 2008), a incorporação de novas máquinas e equipamentos ainda é limitada a algumas médias e pequenas empresas, particularmente do segmento de móveis seriados. Neste relatório, é apresentado que “a maioria das micro e pequenas empresas busca assentar a sua competitividade na habilidade e, principalmente, nos baixos custos da mão de obra, incorporando poucas inovações em máquinas e equipamentos” (FERREIRA et al, 2008, p. 24). Além disso, destaca-se que mesmo com a introdução de inovações, com frequência os novos equipamentos convivem com outros defasados dentro de uma mesma linha de produção.

A partir da metade da década de 1990, com a abertura econômica e a redução da inflação, houve um grande desenvolvimento do setor, uma vez que se passou a ter um ganho de competitividade importante para a indústria de móveis brasileira devido à ampliação do mercado interno, redução de custos, introdução de novos consumidores e o baixo custo da madeira reflorestada (VALENÇA, et al. 2002).

O aumento das exportações de móveis, conforme dados apresentados na Tabela 1, p.22 e a alta competitividade do mercado externo fizeram com que a indústria moveleira brasileira procurasse desenvolver sua capacidade de produção e a qualidade dos seus produtos ofertados. Com isso, nota-se um grande investimento na modernização da tecnologia e na adaptação do design para atender as exigências dos consumidores de países europeus, especialmente o Reino Unido e dos Estados Unidos da América (MEYER, 2004).

Desta forma, destacam-se os móveis de madeira sólida, pois estes possuem um importante nicho de mercado no exterior, devido ao alto acabamento e por serem fabricados a partir de um projeto de design exclusivo. As empresas produtoras destes mobiliários, muitas vezes, mesmo que possuam marcas de renome internacional, se caracterizam por não possuírem plantas produtivas e por atenderem as classes com maior poder aquisitivo (COMERLATTO, 2007).

⁷ Móveis sob medida são “produtos desenvolvidos a partir de cópias ou projetos híbridos (modificações solicitadas pelo cliente). A qualidade do mobiliário é definida pelo cliente, que se envolve desde a escolha da madeira, acabamento e o *design* do produto até a definição do *lay out do espaço*” (AZEVEDO, 2003, p. 27).

Contudo, mesmo com os avanços obtidos a partir da década de 1990, o setor moveleiro brasileiro ainda contrasta com o padrão internacional devido à incipiente difusão tecnológica e à grande verticalização da produção. No final do século passado, houve um grande investimento por parte das indústrias na renovação do parque de máquinas, principalmente no que diz respeito aos equipamentos importados da Itália e Alemanha, porém a maioria dos investimentos realizados na compra de novas tecnologias se restringiu às grandes empresas, enquanto a maior parte das indústrias ficou a margem deste processo (GORINI, 2000).

Nesta perspectiva, Lima (2013) discorre que na década de 1990, com a abertura do mercado, proporcionada pela Política Industrial e de Comércio Exterior criada pelo Governo Federal, a qual diminuiu os impostos para a importação de máquinas, equipamentos e sistemas de produção, houve uma enorme procura do setor moveleiro por novas tecnologias para modernização do parque industrial. Deste modo, a partir das políticas adotadas, nota-se um aprimoramento tecnológico nas grandes empresas brasileiras e um ganho de competitividade internacional, estes proporcionados, muitas vezes, devido à mão de obra brasileira mais barata.

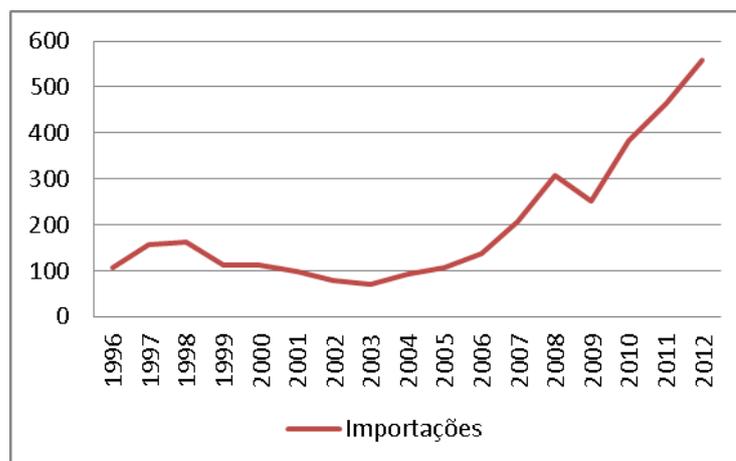
Contudo, é necessário destacar que mesmo com os avanços ocorridos no final do século XX na indústria moveleira brasileira, os “equipamentos mais sofisticados, de alta tecnologia, precisão e capacidade de produção, os chamados sistemas industriais “completos” e estações de trabalhos automáticas, eram e ainda são importados devido à falta de fornecedores e produtos similares brasileiros” (LIMA, 2013, p. s/p). Além disso, destaca-se a China como um forte produtor e exportador de máquinas e equipamentos para o setor de móveis com alta tecnologia e baixo custo.

A partir da coleta de dados, demonstrados pelos gráficos e tabelas 1 e 2, pode-se verificar empiricamente o montante de exportações e importações realizadas pelo setor industrial moveleiro de 1996 a 2012. As exportações no período analisado tiveram um crescimento de 112%, enquanto as importações aumentaram 430% no mesmo período, porém, mesmo com um crescimento maior das importações, o saldo ainda continua positivo, no ano de 2012, foi de 137,3 milhões de dólares. Com isso, identifica-se que houve um aumento das importações e exportações no período analisado, porém destaca-se que após a crise econômica de 2008, as importações apresentam uma trajetória positiva, enquanto as exportações estão diminuindo.

Tabela 1 – Importações do setor moveleiro brasileiro de 1996 a 2012

Ano	Importações - setor moveleiro (em milhões de dólares)
1996	105,5
1997	156,6
1998	162
1999	113,3
2000	112,9
2001	99,3
2002	78,2
2003	69,7
2004	91,8
2005	107,5
2006	137,8
2007	207,5
2008	307
2009	251,4
2010	381,7
2011	462,4
2012	559,3

Fonte: IPEADATA, 2013

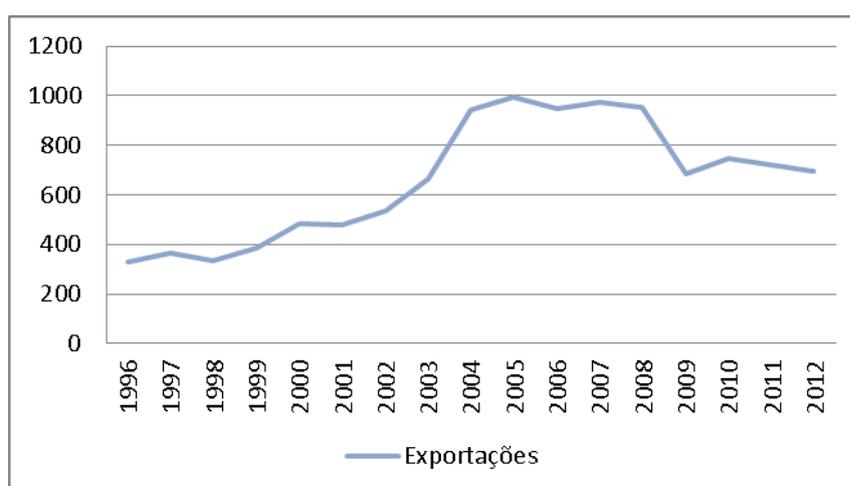
Gráfico 2 - Importações do setor moveleiro brasileiro de 1996 a 2012, em milhões de dólares

Fonte: IPEADATA, 2013

Tabela 2 – Exportações do setor moveleiro brasileiro de 1996 a 2012.

Ano	Exportações - setor moveleiro (em milhões de dólares)
1996	327,9
1997	364,1
1998	336,4
1999	383,9
2000	485,7
2001	479,9
2002	533,2
2003	662,5
2004	942,9
2005	992,2
2006	947,9
2007	974,8
2008	955,2
2009	684,1
2010	748,8
2011	718,8
2012	696,6

Fonte: IPEADATA, 2013.

Gráfico 2 - Exportações do setor moveleiro brasileiro de 1996 a 2012, em milhões de dólares.

Fonte: IPEADATA, 2013.

Segundo Galinari et al (2013), ainda que no Brasil as importações de artigos do mobiliário tenham aumentado nos últimos anos, a indústria moveleira é bastante sólida no mercado interno. Para os autores, o consumo de móveis no país vem crescendo e a indústria nacional tem se mostrado apta a atender esta demanda ampliada; entretanto destacam também que as exportações de mobiliário atualmente não acompanham o aquecimento do comércio internacional, dados estes que se podem confirmar a partir dos gráficos e tabelas 1 e 2.

A partir de entrevistas realizadas com empresas e associações do polo de São Bento do Sul – SC (o principal polo exportador de móveis brasileiro) confirma-se a perda de competitividade do ramo no mercado externo e uma reorientação para atendimento ao mercado interno.

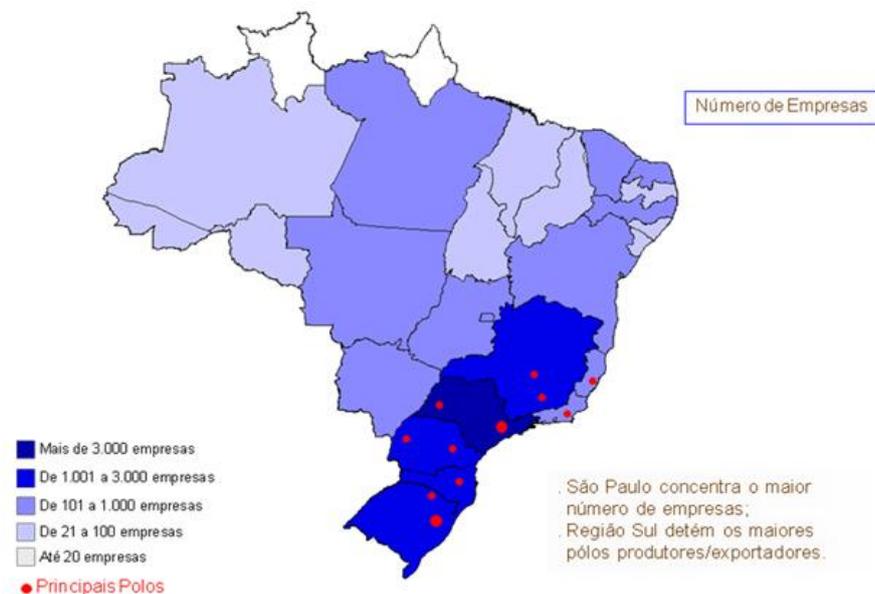
Em tal polo, muitas empresas exportadoras encerraram as atividades na última década. Outras estão se voltando para o mercado interno, convertendo processos produtivos e o design dos produtos para o padrão demandado pelos brasileiros. Porém, essa mudança de orientação não resultou do aquecimento da demanda doméstica, mas sim de uma crise gerada pela queda das exportações (GALINARI et al., 2013, p. 242).

Os autores explicam ainda, que o declínio das exportações brasileiras está atrelado à redução da compra por parte de países desenvolvidos, em especial os Estados Unidos da América, cujas aquisições de móveis diminuíram entre 2001 e 2012. É apresentado que o resultado da balança do setor poderia ter sido pior se não fosse à diversificação dos parceiros comerciais brasileiros, tendo em vista que em 2012 o Brasil exportou móveis para 152 países (GALINARI et al, 2013, p. 237).

2.2 OS PRINCIPAIS POLOS MOVELEIROS BRASILEIROS

A indústria nacional de móveis concentra-se em polos regionais, com destaque para a região Sul e Sudeste (Figura 1). Os principais polos moveleiros destas regiões são: Ubá – Minas Gerais; Mirassol – São Paulo; Votuporanga – São Paulo; Grande São Paulo – São Paulo; Arapongas – Paraná; Bento Gonçalves – Rio Grande do Sul; e São Bento do Sul – Santa Catarina.

Figura 1 – Localização dos principais polos moveleiros brasileiro



Fonte: Emobile, 2013

Embora o segmento de móveis de madeira residencial esteja presente em todos os polos produtivos, cada região apresenta singularidades quanto ao segmento de mercado que busca atender. A elevada diversidade geográfica, econômica e cultural do Brasil pode ser entendida como um dos fatores para esta diversificação.

Do ponto de vista da distribuição geográfica, Ferreira, et al. (2008) afirmam que a indústria moveleira brasileira está localizada, principalmente, na região Centro-Sul do país, que corresponde por 83% das empresas nacionais e por 86% da mão de obra empregada pelo setor. Os estados que detêm a maior concentração de empresas moveleiras são: São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais e Rio de Janeiro, porém os três primeiros estados citados correspondem a mais da metade das empresas e do emprego da indústria moveleira brasileira e aproximadamente a 80% das exportações.

Na região Sul, existe uma concentração de empresas voltadas para o mercado externo, o que exige um comportamento diferenciado das empresas que atendem apenas o mercado interno, pois existe uma pressão internacional muito forte com relação ao uso das normas de qualidade⁸ (LIMA, 2001 apud AZEVEDO, 2003). Além disso, segundo Coutinho (2001), nos

⁸ O mercado interno de móveis residenciais não exige a utilização de normas de produto. A Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT determina duas normas para móveis de cozinha e três para colchões.

estados de Santa Catarina (polo de São Bento do Sul) e Rio Grande do Sul (polo de Bento Gonçalves), encontram-se os *clusters*⁹ moveleiros mais bem sucedidos do Brasil.

Os dois principais polos moveleiros de Santa Catarina e Rio Grande do Sul são especializados na produção de móveis de residência. O primeiro fabrica móveis torneados de madeira maciça, especialmente de pínus, e o segundo volta-se principalmente para a fabricação de móveis retilíneos seriados (de madeira aglomerada, chapa dura e MDF) (GORINI, 2000).

Segundo Azevedo (2003), a existência de sindicatos patronais atuantes, do Centro Tecnológico do Mobiliário - CETEMO, do curso superior de Tecnologia em Produção Moveleira, do Centro Internacional de Negócios - CIN e outras iniciativas, ocorreram devido ao associativismo desenvolvido pelos empresários da região. A partir dessas iniciativas, houve uma disseminação de tecnologias, mão de obra especializada e outras atividades, como por exemplo, a formação de consórcio de compras de matéria prima. Como consequência dessas iniciativas, os polos de São Bento do Sul e de Bento Gonçalves são os que possuem o maior número de empresas que obtiveram a certificação ISO 9000. Contudo, é necessário destacar que a minoria das empresas presentes nos polos recebeu a certificação, a qual é exigida pelo mercado internacional.

Ao analisar o nível de associativismo dos polos moveleiros em outras regiões brasileiras, é possível verificar que ele é baixo. No polo de Arapongas – PR, Mirassol – SP e Votuporanga – SP são encontradas algumas atividades pontuais, assim como no polo da Grande São Paulo, onde existe uma concentração de empresas voltadas para a produção de móveis para escritório (AZEVEDO, 2003).

O estado de São Paulo se caracteriza pela liderança na produção nacional de móveis de escritório, maior número de empresas e pela diversificação regional, representados pelo polo da Grande São Paulo, localizado na região metropolitana do estado e os polos de Mirassol¹⁰ e Votuporanga¹¹, pertencentes à região Noroeste paulista. (GORINI, 2000).

⁹ É importante destacar que existem diversas nomenclaturas para a definição de *cluster*, dentre elas é possível encontrar “distrito industrial”, “ambiente inovador” ou “Arranjo Produtivo Local”. Segundo Amaral Filho (2003), se trata de um fenômeno que se identifica como um sistema social de produção, ou seja, um contexto de agentes que mantêm relações de cooperações entre si, num determinado território, estabelecendo padrões de comportamento. As formas de cooperação, segundo Castro (2009), podem ocorrer através de um intercâmbio sistemático de informações produtivas, tecnológicas e mercadológicas.

¹⁰ O polo moveleiro de Mirassol possui 280 empresas, aproximadamente cinco mil funcionários e responde a 50% das atividades industriais do município de Mirassol. As empresas deste polo se destacam na produção de móveis residenciais, particularmente de painéis de madeira reconstituídos (FERREIRA et al., 2008)

¹¹ O polo moveleiro de Votuporanga foi criado nos anos 1980 e possui, aproximadamente, 180 empresas e quatro mil funcionários. Destaca-se que a maioria das empresas do polo produzem móveis residenciais de madeira e esta voltando para o mercado interno (FERREIRA et al., 2008).

No estado de Minas Gerais, destaca-se o polo moveleiro de Ubá, o qual possui aproximadamente 600 empresas, 9000 funcionários, dentre elas, a maior empresa de móveis de aço da América Latina¹². O polo moveleiro mineiro teve origem nos anos 1950 e é formado, majoritariamente, por micro e pequenas empresas voltadas para a produção de móveis residenciais de madeira (FERREIRA et al, 2008).

O polo de Arapongas compreende mais de 30 cidades e está localizado no estado do Paraná, abrange mais de 300 indústrias que produzem, em sua grande maioria, móveis seriados que atendem as classes B, C e D. Este polo corresponde a 10% dos móveis consumidos no Brasil e realiza parcerias com a Federação de Indústrias do Estado do Paraná (FIEP) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) para a classificação e profissionalização da mão de obra especializada (EMOBILE, 2013).

2.3 A INDÚSTRIA MOVELEIRA BRASILEIRA: DO ARTESANAL À FABRICAÇÃO SERIADA

O mobiliário brasileiro, nas várias fases de seu desenvolvimento, modificou-se devido a inúmeras influências culturais que vieram definir o seu perfil e orientar sua produção. Dentre as principais contribuições, pode-se destacar a influência de Portugal, o legado nativo, a presença africana e, posteriormente, a partir da independência, a influência dos imigrantes europeus (SANTI, 2000).

Santi (2000, p. 27) ainda destaca que,

desde os primórdios da colonização, o mobiliário dos primeiros colonos portugueses desdobrou-se num prolongamento da cultura da Metrópole. Os móveis eram importados pelos donatários, por alguns funcionários que possuíam altos cargos e pelos fidalgos enriquecidos ou, então, aqui executados por artesãos portugueses e seus aprendizes. Assim, tardiamente, as diversas tendências europeias serviriam de modelo para o mobiliário brasileiro produzido no Brasil.

Nesta direção, Brandão (2010), apresenta que a classificação do conjunto do mobiliário no Brasil de período colonial é ainda precária, pois, muitas vezes é considerado móvel colonial brasileiro, com difíceis diferenciações.

Como característica deste período, pode-se identificar as casas senhoriais, as quais, segundo Veríssimo (1999), eram espaços predominantemente vazios, representados por

¹² Móveis Itatiaia.

cômodos grandes e com pouca mobília. Estas eram, em sua maioria, desprovida de intenção estética e buscavam solucionar as situações que ocorriam no dia-a-dia. Diferentemente, as mobílias de luxo elaboradas por marceneiros, entalhadores e estofadores, carregavam uma grande preocupação em transportar uma imagem simbólica positiva a respeito de Portugal (LUCIE-SMITH, 1997).

Contudo, mesmo com o aumento quantitativo e qualitativo do mobiliário brasileiro no século XVIII, a maioria dos móveis produzidos era destinada às igrejas. Como exemplo, pode-se citar as cadeiras com funções honoríficas e arcazes de sacristias (BRANDÃO, 2010).

Para Smith (1979), neste período, ainda ocorriam transposições de peças entre Portugal e o Brasil, porém já havia no país uma produção importante de mobília, não apenas destinada ao uso cotidiano, mas também de luxo, com caráter simbólico. Para o autor, é importante destacar a grande produção baiana de cadeiras que reproduziam os modelos ingleses do século XVIII.

Desde modo, ao analisar o mobiliário brasileiro nos diferentes períodos do seu processo de desenvolvimento, tem-se como referência a classificação elaborada por Costa (1975) apud Santi (2000),

o mobiliário do Brasil pode ser [...] classificado em três grandes períodos: o primeiro abrange os séculos XVI e XVII e prolonga-se mesmo até o começo do setecentos; o segundo período, barroco por excelência, entende-se praticamente por todo o século XVIII; e o terceiro e último, isto é, o da reação acadêmica, liberal e puritana, iniciada em fins deste século, corresponde para nós, principalmente, à primeira metade do século XIX.

Até o início do século XX, a indústria de móveis inexistia no Brasil. O mobiliário que havia no país era importado, ou feito em raríssimos casos pelos professores-artesões que Dom João VI trouxe para o Rio de Janeiro quando instalou ali sua corte. Apenas nas primeiras décadas nos novecentos, com a imensa leva de imigrantes, e os recursos provenientes da venda das produções de café, foi que iniciou a indústria de móveis no Brasil (Revista Moveleira, 1990).

Nesta perspectiva, Bayeux (1997) destaca que mesmo diante das mudanças econômicas internacionais, dos primeiros indícios internos de industrialização e a emergência de uma burguesia urbana, até a década de 30, o Brasil manteve a condição de país agrário e dependente economicamente.

Neste contexto, a escola profissionalizante Liceu de Artes e Ofícios, fundada em 1873 em São Paulo, foi fundamental na formação de marceneiros altamente qualificados. Os profissionais formados, durante o curso, estudavam teoria e prática por quatro anos e se

dedicavam para atingir a excelência. Por isso, os marceneiros que haviam estudado no Liceu de Artes e Ofícios, geralmente já saíam com emprego garantido. Segundo a Revista Moveleira (1990, p.4), os marceneiros do Liceu de Artes e Ofícios “não criavam apenas móveis; faziam obras primas extraordinárias”.

Contudo, no final do século XIX, a fabricação artesanal começou a ser substituída pela mecanização, a fim de facilitar a produção¹³. Um dos sinais do desenvolvimento industrial que ocorreu neste período pode ser demonstrado a partir dos dados fornecidos por BAER apud SANTI, 2000:

Tabela 3 – Número de estabelecimentos empresariais do século XIX a 1920

Período	Número de estabelecimentos
Anterior a 1850	35
1850 - 1880	240
1880 - 1920	13.061
Censo de 1920	13.336

Fonte: BAER apud SANTI, 2000

Segundo Coutinho et al. (2001), o fluxo imigratório no início do século XX, a emergente burguesia e os ganhos oriundos da comercialização do café, contribuíram para o surgimento de pequenas oficinas de artesãos italianos na Grande São Paulo. Fato que deu início assim a primeira fase do desenvolvimento industrial brasileiro, que visava, principalmente, atender o mercado interno em ascensão.

Durante a primeira Guerra Mundial (1914-1918) o Brasil teve suas primeiras experiências na produção seriada de móveis. A utilização da madeira vergada foi utilizada para a produção de móveis em série pela Companhia Industrial de Móveis – Móveis Cimo, a qual, segundo ARRUDA (2009, p. 28), “representa um dos marcos mais expressivos entre a herança artesanal e o início da fabricação seriada no Brasil”. Neste mesmo sentido, Bayeux (1997, p. 92) afirma que a “Móveis Cimo contribuiu para disseminar um padrão de mobiliário cuja principal marca era a simplicidade, a funcionalidade e a economia”.

Deste modo, ao perceber as inúmeras contribuições que a Fábrica Móveis Cimo S.A forneceu, a partir do pioneirismo na produção seriada de móveis, para o desenvolvimento regional e para a indústria moveleira brasileira, os próximos capítulos deste estudo buscam aprofundar as discussões sobre o desenvolvimento econômico da região onde estava localizado a fábrica e a sua história.

¹³ Para aprofundar os estudos a respeito das mudanças econômicas e sociais deste período, sugiro pesquisar as obras de Prado Junior (2010), Suzigan (2000) e Mello (1994).

3 O ESTADO DE SANTA CATARINA E A REGIÃO DE SÃO BENTO DO SUL

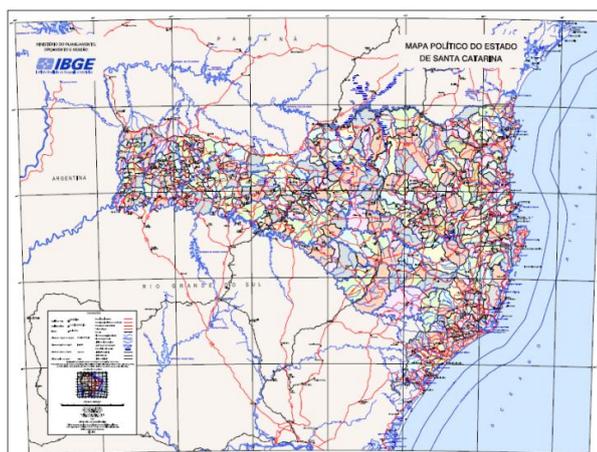
O presente capítulo apresenta, primeiramente, a caracterização geral do estado de Santa Catarina a partir de dados a respeito da composição e localização do território, indicadores demográficos, sociais (PIB, nível de renda, saúde, educação e saneamento básico). Após a apresentação geral, faz-se uma síntese da formação econômica do estado catarinense e da região de São Bento do Sul.

3.1 CARACTERIZAÇÃO GERAL DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Para iniciarmos as discussões a respeito do desenvolvimento econômico e social do estado de Santa Catarina é necessário, anteriormente, apresentar a composição e localização territorial do estado, a população, o saneamento básico, o nível de renda, a renda *per capita*, nível de escolaridade e o nível de saúde.

3.1.1 Composição e localização do território

Figura 2 – Mapa político de Santa Catarina



Fonte: IBGE (2013)¹⁴

¹⁴ Disponível em: <ftp://geoftp.ibge.gov.br/mapas_tematicos/politico/unidades_federacao/sc_politico.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2013.

O estado de Santa Catarina está localizado na região Sul do Brasil, possui 295 municípios e uma área total de 95.736,165 km². Faz divisa com os estados do Paraná e Rio Grande do Sul, além da Argentina.

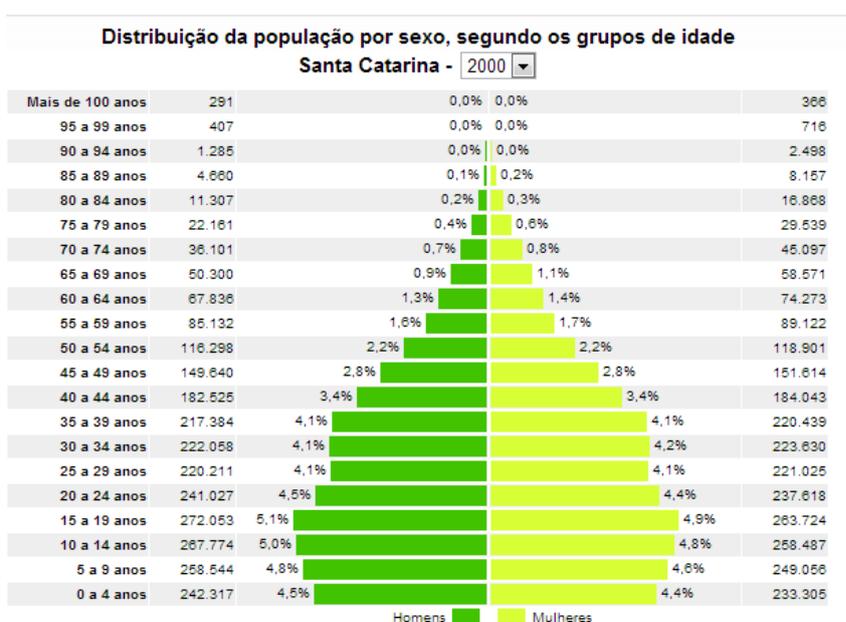
Santa Catarina tem como capital a cidade de Florianópolis, localizada no litoral catarinense e possui ao todo seis mesorregiões, são elas: Grande Florianópolis, Norte catarinense, Oeste catarinense, região Serrana, Sul catarinense e Vale do Itajaí.

3.1.2 Indicadores demográficos

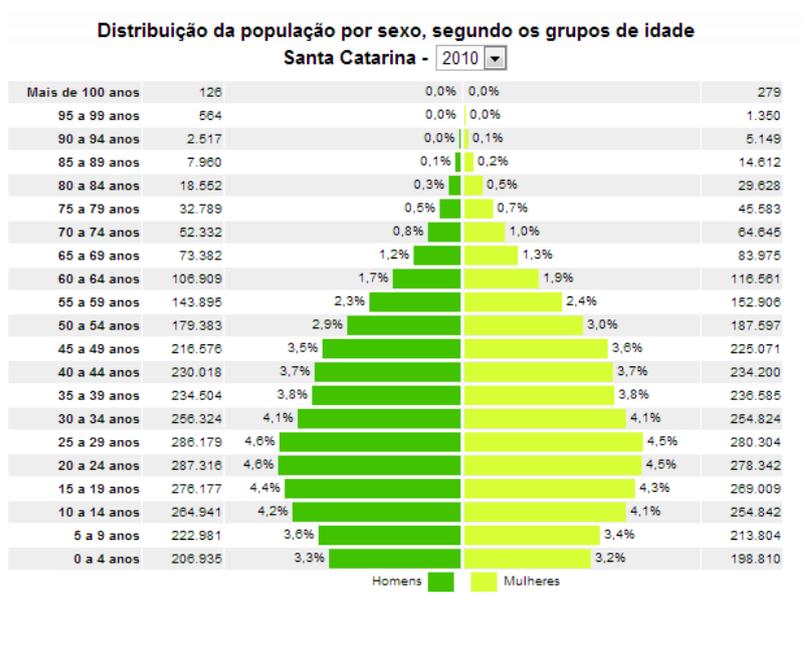
De acordo com o censo do IBGE (2013), realizado em 2010, o estado catarinense possuía uma população de 6.248.436, porém a estimativa populacional para o ano de 2012 foi de 6.383.286, registrando assim, um aumento de 2%.

O estado catarinense apresenta, de acordo com o mesmo censo, uma população residente urbana de 84%, e rural de 16%. Os gráficos 3 e 4 apresentam a pirâmide demográfica do estado de Santa Catarina dos anos de 2000 e 2010, respectivamente.

Gráfico 3 – Pirâmide demográfica de Santa Catarina – 2000



Fonte: IBGE (2013)

Gráfico 4 – Pirâmide demográfica de Santa Catarina – 2010

Fonte: IBGE (2013)

Segundo Meirelles Neto (2012, p. 56), “as pirâmides demográficas são utilizadas para apresentar a estrutura de sexo e idade da população de determinada região. Através de sua análise é possível identificar a qualidade de vida dela, uma vez que podemos observar a expectativa de vida da população e a simetria ou não, ao longo do tempo”.

Ao observar os gráficos 3 e 4 é possível identificar que houve um envelhecimento da população catarinense dos anos de 2000 a 2010, devido a diminuição do número de crianças de 0 a 9 anos e o aumento da expectativa de vida, evidenciado pela ampliação do número de pessoas adultas.

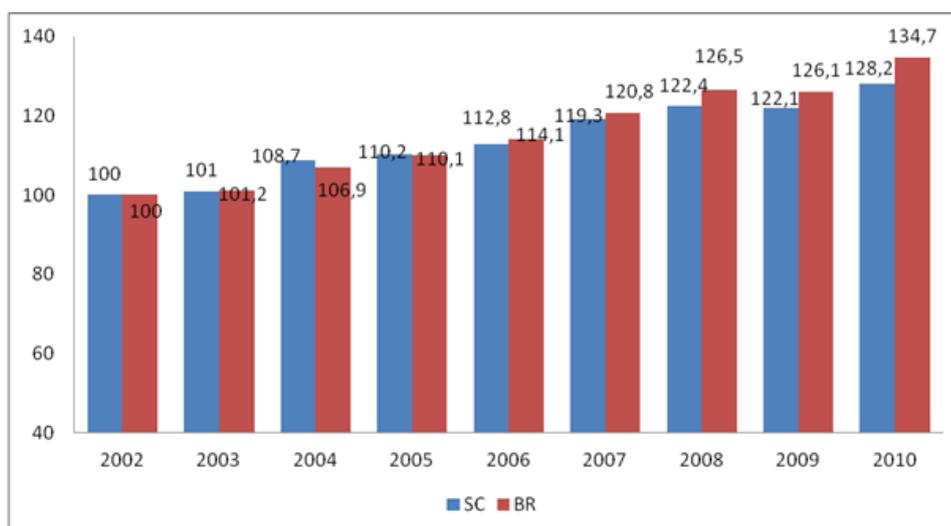
3.1.3 Indicadores sociais do território

Esta sessão apresenta as principais características sociais do estado catarinense, destacando-se as variáveis relativas à educação, à saúde, à renda e ao saneamento básico.

3.1.3.1 PIB e nível de renda

Para a análise do Produto Interno Bruto e o nível de renda do estado de Santa Catarina são apresentados neste trabalho a evolução do PIB catarinense, sua participação relativa e absoluta em relação ao Brasil, a renda *per capita* do estado e o índice de Gini.

Gráfico 5 – Evolução do PIB do Brasil e de Santa Catarina (em milhões de reais)



Fonte: Portal da Economia de Santa Catarina, 2013

A partir dos dados demonstrados no gráfico 4 é possível identificar que o estado de Santa Catarina, de 2002 a 2010, obteve um crescimento no PIB de 34,7% e só teve uma redução no crescimento absoluto da economia no ano de 2009, devido a crise econômica internacional de 2008.

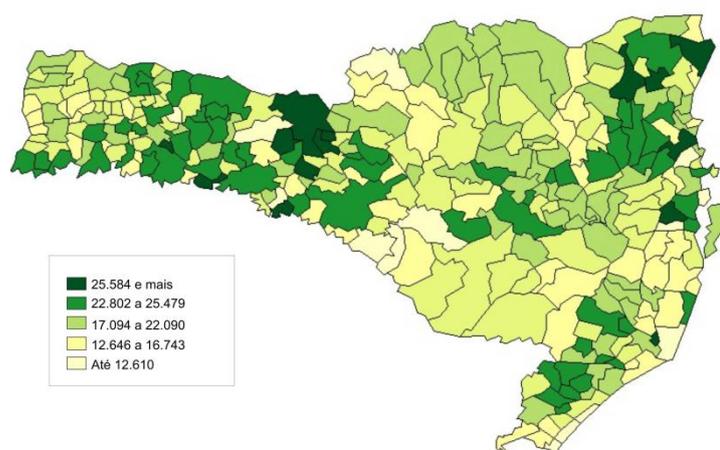
Com relação ao ranking das economias estaduais do país, Santa Catarina posiciona-se como a sétima, sendo o estado superado pelas unidades federativas de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná e Bahia. No entanto, ao observar a renda *per capita* catarinense, esta se encontra na quarta posição com relação ao ranking nacional (Tabela 4), apresentando o valor de 25.191 de reais *per capita* (Portal da Economia de Santa Catarina, 2013).

Tabela 4 - Posição do PIB e da renda per capita de Santa Catarina na economia brasileira

Ranking	1985	1990	1995	2000	2005	2006	2007	2008	2009	2010
PIB	7°.	7°.	7°.	7°.	7°.	7°.	7°.	6°.	6°.	7°.
Renda per capita	6°.	6°.	5°.	5°.	4°.	4°.	5°.	4°.	4°.	4°.

Fonte: Portal da Economia de Santa Catarina, 2013

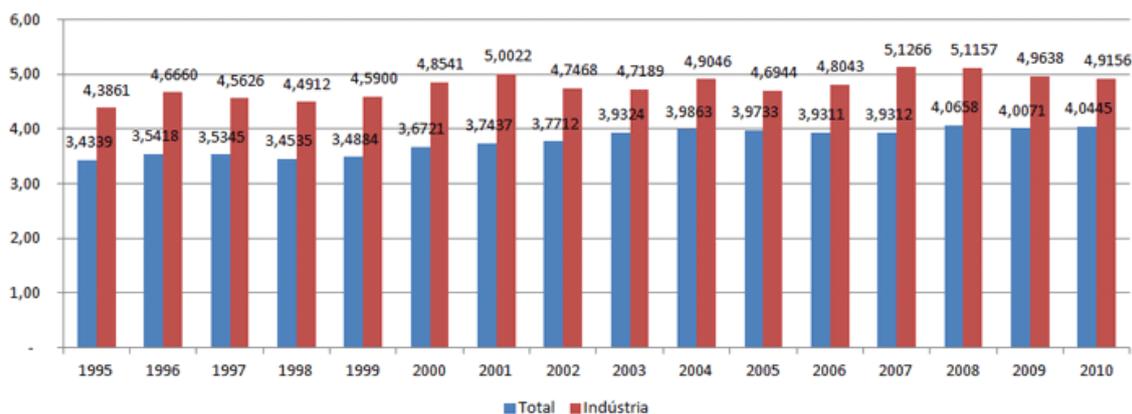
Para uma análise mais detalhada, a Figura 3 apresenta o índice *per capita* dos municípios de Santa Catarina. É possível perceber, por exemplo, que a mesorregião do norte catarinense possui um PIB *per capita* de 24.259,50.

Figura 3 – PIB per capita dos municípios catarinenses em R\$

Fonte: Secretaria de Estado do Planejamento, 2013

No tocante a participação do PIB geral e do PIB industrial de Santa Catarina em relação aos respectivos PIBs nacionais, constata-se que de 1995 a 2010 houve um aumento de 12% no PIB industrial catarinense em relação ao PIB industrial nacional, passando de 4,3861% para 4,9156%. No que diz respeito ao PIB total do estado de Santa Catarina em relação ao nacional, o aumento foi de 18%. Contudo, ressalta-se que desde 2007, a participação industrial catarinense em relação ao PIB nacional encontra-se em queda.

Gráfico 6 – Participação do PIB total e industrial de Santa Catarina em relação ao PIB nacional - 1995 – 2010



Fonte: Portal da Economia de Santa Catarina, 2013

3.1.3.2 Indicadores da Saúde, Educação e Saneamento Básico

Para análise dos indicadores de saúde catarinense, este estudo apresenta a taxa de mortalidade infantil, que conforme o IBGE (2013, s/p) é a “frequência com que ocorrem os óbitos infantis (menores de um ano) em uma população, em relação ao número de nascidos vivos em determinado ano civil. Expressa-se para cada mil crianças nascidas vivas”; e a taxa de expectativa de vida ao nascer.

Com base nos dados do IBGE (2013), Santa Catarina apresenta, em 2011, uma mortalidade infantil de 11,6 e a maior expectativa de vida brasileira, a qual é de 75,8 anos. Como parâmetro, nacionalmente a mortalidade infantil e a expectativa de vida, no mesmo ano, foram de 15,6 e 73,44, respectivamente.

O estado de Santa Catarina possui, segundo o IBGE (2013), um total de 1.367.703 pessoas em idade escolar e apresenta uma taxa de analfabetismo de 0,1% de pessoas de 10 a 14 anos e, 3,9% de 15 anos ou mais. Com relação à taxa de escolarização bruta, na pré-escola é de 66,5% e a líquida de 47,1%; no ensino fundamental, é 104,7% e 92,3%; já no ensino médio, 80,4% e 54,7% respectivamente¹⁵.

¹⁵ A taxa de escolarização é a percentagem dos estudantes (de um grupo etário) em relação ao total de pessoas (do mesmo grupo etário), podendo ser líquida ou bruta. Por exemplo, a Taxa de Escolarização Líquida identifica a parcela da população na faixa etária de 7 a 14 anos matriculada no Ensino Fundamental e a Taxa de Escolarização Bruta identifica se a oferta de matrícula no Ensino Fundamental é suficiente para atender a demanda na faixa etária de 7 a 14 anos (MENEZES & SANTOS, 2002).

O saneamento básico, segundo Cario et al (2008, p.40) é a “oferta de água tratada, tratamento de esgotos e o recolhimento de lixo”. Em Santa Catarina, 90,4% das pessoas residentes na região urbana têm acesso a água tratada pela rede geral, enquanto apenas 12,9% estão na área rural. Com relação ao atendimento de esgoto, é de apenas 11,7% na área urbana e 1,0% na área rural. Um dado alarmante é que 2,7% das residências urbanas e 11,2% das rurais despejam diretamente o esgoto sanitário em rios, lagos ou no mar.

3.2 FORMAÇÃO ECONÔMICA DE SANTA CATARINA

Em cada período ou fase histórica, o modelo econômico vigente, determina ou impõe novos desafios aos agentes sociais e isto se reflete na organização espacial (CORRÊA, 1999, p.26).

A partir do excerto de Corrêa (1999), é possível perceber a influência direta do modelo econômico sob as organizações espaciais, tendo em vista que os agentes fazem modificações e organizam o espaço territorial com o intuito de atender as suas demandas econômicas e sociais. Ao encontro disto, Andrade (1987) apud Corrêa (1999) destaca que estas diferentes organizações se dão a partir dos interesses do grupo dominante bem como das técnicas e do capital disponível.

Deste modo, esta sessão, tem como objetivo apresentar, com base nos estudos de Alcides Goularti Filho (2007) em seu livro *Formação Econômica de Santa Catarina (2007)* - publicado originalmente em 2002 -, uma síntese da história catarinense a respeito do seu desenvolvimento econômico e social. Esta obra foi selecionada diante a complexidade e aprofundamento teórico do autor referente às questões econômicas, históricas e geográficas, além da elaboração de uma revisão crítica sobre estudos anteriores. Assim, esta sessão se organiza em quatro itens: Origem e crescimento do capital industrial (1880 a 1945); Diversificação e ampliação da base produtiva (1945 a 1962); Integração e consolidação do capital industrial (1962 a 1990); Desarticulação política e reestruturação econômica (pós-1990).

3.2.1 Origem e crescimento do capital industrial (1880 a 1945)

Neste primeiro item, Goularti Filho (2007) aborda a origem e o crescimento do capital industrial em Santa Catarina durante o período de 1880 a 1945 e destaca que o padrão de

crescimento foi dado pelo capital mercantil e pela pequena propriedade. Como exemplo, em Blumenau e Brusque houve o nascimento e expansão da indústria têxtil, em Itajaí a produção alimentar, enquanto a extração de erva-mate e carvão aconteceu no planalto norte e na região sul do estado, respectivamente.

Além disso, neste período, o autor destaca a entrada dos novos imigrantes para as lavouras de café e para o Brasil meridional devido à política imperial, à construção de ferrovias e pela atuação das companhias colonizadoras. Em Santa Catarina, com a chegada de novos imigrantes houve a ocupação e fundação de novos núcleos coloniais, destacam-se os alemães que se concentraram na região do Vale do Itajaí e norte; os italianos, que colonizaram estas mesmas áreas e também a região sul catarinense; e os poloneses, no Alto Vale do Rio Tijucas e no planalto norte.

Sobre o processo de povoamento, Goularti Filho (2007) ressalta a importância da construção de estradas carroçáveis, das ferrovias e de portos para fixar os imigrantes, desenvolver o mercado local e integrar a região ao mercado nacional. Para a extração do carvão na região sul, por exemplo, houve a necessidade de ampliar a malha ferroviária, enquanto no planalto norte, privilegiou-se a construção de estradas para escoar a produção de erva-mate, o que foi fundamental para fixar os colonos na região de São Bento do Sul.

No oeste e meio-oeste catarinense, a demarcação das áreas só foi definitivamente demarcada após o conflito diplomático entre Brasil e Argentina, conhecido como Questão de Palmas, encerrado em 1895. No entanto, a ocupação do oeste catarinense se estendeu até nos anos de 1950, como parte do movimento nacional da expansão das fronteiras agrícolas e principalmente, possui uma ligação direta com capital industrial e o mercantil, pois “atuavam simultaneamente e em comum acordo com os governos locais, no sentido de buscar a valorização do capital, utilizando a terra como fonte de acumulação. Portanto o objetivo não era apenas demarcar terras, mas também acumular capital por meio da venda da terra” (GOULARTI FILHO, 2007, p. 79).

Deste modo, entende-se que a chegada de novos imigrantes contribuiu para o surgimento de novas atividades comerciais, artesanais e com isso, para a diversificação da economia catarinense. Neste sentido, Goularti Filho (2007, p. 76) ressalta que,

a importância de várias pequenas atividades mercantis e manufatureiras (artesanato, pequena indústria) contribuiu para gerar uma acumulação pulverizada e lenta. Por um lado, fundamental para criar uma base produtiva diversificada, e, por outro, em razão da lentidão da acumulação, um entrave para gerar um comando capaz de conduzir a integração comercial e produtiva. O crescimento de inúmeras pequenas atividades manufatureiras deve ser entendido pelo parcelamento da propriedade, pelo alto grau de difusão tecnológica dos adventos da Primeira Revolução Industrial (facilidade da cópia) e pela tradição dos imigrantes que eram provenientes de regiões industriais da Alemanha e de regiões industriais e agrárias da Itália.

Durante o período de 1880 a 1945, destaca-se a criação e fortalecimento das indústrias originárias de Santa Catarina, as quais possuíam o segmento extrativo (erva-mate e madeira - Alto Vale do Rio Uruguai e planalto norte; e carvão - região sul); alimentício (farinha, açúcar e derivados de suínos) e no têxtil – Vale do Itajaí.

Devido à disponibilidade abundante de recursos florestais em Santa Catarina, em especial a araucária, a extração madeireira se intensificou fortemente na região do planalto norte devido a sua facilidade, velocidade e disponibilidade (GOULARTI FILHO, 2007).

Além da disponibilidade de recursos naturais, Goularti Filho (2007) evidencia a expansão da produção artesanal catarinense com a ampliação do mercado interno brasileiro, que propiciou um aumento da demanda e por sua vez intensificou a realização dessa atividade econômica na região para a acumulação de capital. Com isso, a madeira passou a ser utilizada como uma das principais matérias-primas na produção de produtos comercializados de Santa Catarina, os quais tinham como principais países importadores até a década de 50 a Argentina e o Uruguai.

Assim, a madeira, além de ser matéria-prima, fixava as pessoas e deste modo propiciou a colonização regional, além de, conforme destaca o autor, ter contribuído para as relações de trabalho capitalista, com a consequente formação de um mercado de trabalho paralelo às atividades eminentemente agrícolas locais.

3.2.2 Diversificação e ampliação da base produtiva (1945 a 1962)

Acerca do período de 1945 a 1962, Goularti Filho (2007) apresenta que houve uma diversificação e ampliação da base produtiva catarinense. A indústria originária, representada pelo setor carbonífero, têxtil, madeireiro e alimentar ampliou-se e surgiram novas indústrias. Em Joinville destaca-se o surgimento da indústria metal-mecânica, a de cerâmica no sul e a de papel e celulose no planalto. No entanto, os investimentos em infraestrutura não

acompanharam a expansão da indústria de Santa Catarina, o que gerou uma série de deficiências no transporte e fornecimento de energia.

Com os diversos limites impostos pela falta de infraestrutura, reforçou-se a desintegração econômica no estado catarinense, pois cada setor vinha se especializando em um determinado segmento, porém não havia articulação comercial ou produtiva com outras regiões do estado. No entanto, eram necessárias novas formas superiores de organização capitalista para liberar as forças produtivas que entravavam o processo de acumulação. Por isso, Goularti Filho (2007) denomina este período como de transição.

Ainda segundo o autor, a partir dos anos 1930, iniciou-se a alteração no padrão de acumulação na economia brasileira. O estado catarinense, dessa forma, passa do padrão de acumulação do capital mercantil agrário para o industrial, porém ressalta-se que essa industrialização ainda era limitada à capacidade de importar e pelas deficiências técnicas e financeiras. Devido a baixa capacidade de acumulação, a desintegração econômica e a falta de recursos financeiros, a ampliação e diversificação industrial catarinense apenas teve início na metade da década de 1940.

Para Goularti Filho (2007), uma nova fase de crescimento econômico e novos padrões de acumulação no estado catarinense só seriam possíveis com grandes investimentos, os quais, apenas o Estado poderia despender. Deste modo, em 1962, as condições nacionais melhoraram, juntamente com novas iniciativas estaduais, que levaram à ampliação da reprodução do capital em Santa Catarina.

3.2.3 Integração e consolidação do capital industrial (1962 a 1990)

A abordagem referente ao período de 1962 a 1990 destaca-se, segundo Goularti Filho (2007), pelo crescimento da economia de Santa Catarina, devido ao grande capital industrial e agroindustrial e pelo investimento estatal em infraestrutura. Outra característica deste período foi à integração da economia catarinense ao mercado internacional e pelo planejamento estatal, fatores que contribuíram para a criação de diversos complexos industriais e agroindustriais.

Com o novo sistema de crédito, a partir de 1962, os investimentos em energia e transporte e a consolidação do setor eletro-metal-mecânico, houve uma alteração no padrão de crescimento econômico no estado catarinense. Destaca-se o fortalecimento de empresas tradicionais, que ganham mercado e passam a ser referências nacionais, além de conduzirem o

movimento geral da economia catarinense. Com isso, Goularti Filho (2007, p. 186) evidencia que,

a mudança no padrão de crescimento em Santa Catarina só pode ser entendida, em primeira instância, pela mudança do padrão de acumulação nacionalmente, que tinha como tripé básico o capital estatal, o externo e o nacional. Na maioria das unidades federativas periféricas, a diversificação e a integração produtiva deu-se com a presença do capital estatal, que financiava e isentava projetos provados ou investia diretamente. Já em outras unidades federativas que tiveram uma formação socioespacial diferenciada, como Santa Catarina e Rio Grande do Sul, a diversificação e integração produtiva foi comandada pelo capital de origem local e pelo Estado.

Acompanhando o processo da industrialização brasileira na década de 1960, a economia de Santa Catarina passou por profundas alterações quando foi organizada por órgãos governamentais. Em especial, o Plano de Metas do Governo (PLAMEG, 1961 - 1965), geriu instrumentos estatais ativos de políticas econômicas para implantar e desenvolver a infraestrutura social básica e para financiar o capital privado local. Deste modo, enfatiza-se, neste período, o Estado como organizador capitalista (GOULARTI FILHO, 2007).

Em 1962, o autor apresenta a criação do Banco de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina (BDE, depois BESC) e do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE), os quais inauguraram novas linhas de créditos, deslocando assim o financiamento de curto prazo para o de longo prazo, além de priorizar o desenvolvimento da indústria e agroindústria catarinenses.

Deste modo, Goularti Filho (2007) evidencia que não há investimentos privados num contexto sem arranjos institucionais e financeiros propícios de retorno garantido, por isso, o capital financeiro é fundamental para o desenvolvimento da indústria e neste contexto, as linhas de créditos criadas pelo Estado foram fundamentais, afinal, a ampliação e integração econômica catarinense não ocorreram apenas pelo mercado, mas sim pelo imperativo político.

3.2.4 Desarticulação política e reestruturação econômica (pós-1990)

Goularti Filho (2007), ao apresentar a configuração econômica catarinense nos anos pós-1990, aponta que este período foi marcado pela desarticulação política e a reestruturação econômica. O Estado começou a diminuir sua participação como organizador econômico, enquanto o mercado conquistou uma nova importância na influência das tomadas de decisões.

Com isso, a década de 1990 inaugurou uma nova fase na América Latina, pois durante a maior parte do século XX, o Estado foi o principal organizador das políticas econômicas e

sociais, porém com o crescente endividamento das economias latinas americanas na década de 1970, houve a diminuição da disponibilidade de liquidez internacional, aumento da taxa de juros internacional e crise fiscal. Deste modo, houve a alteração da relação entre o poder público, agora enfraquecido, e a dinâmica interpartamental e o grande capital nacional, que alteraram também, o padrão de acumulação (GOULARTI FILHO, 2007).

Neste contexto, a economia catarinense passa por diversas mudanças, entre elas, o autor destaca a redução das atividades estatais, a reestruturação da indústria cerâmica, o desmonte do setor carbonífero, a reestruturação patrimonial no complexo eletro-metal-mecânico, a desverticalização e a retração no segmento têxtil-vestuário e a desnacionalização no complexo agroindustrial.

A indústria cerâmica sempre dependeu fortemente do mercado interno, porém com a redução deste, a partir da década de 1980, o mercado externo passou a ser fundamental para a manutenção desta indústria catarinense. Por isso, ainda que prematuramente, houve um grande investimento no desenvolvimento de novas formas de gestão e produção. Deste modo, quando houve a abertura do mercado, a partir da década de 1990, o setor cerâmico catarinense conseguiu manter sua competitividade com o mercado externo (GOULARTI FILHO, 2007).

Sobre a indústria carbonífera, Goularti Filho (2007) demonstra que a partir de 1990 foi encerrado o processo de expansão do carvão, devido à liberalização da importação do carvão metalúrgico promovida pelo governo Collor. Acabando dessa forma, com o volume de compra por parte das empresas nacionais e iniciando o processo de privatização.

O segmento mais afetado no processo de abertura econômica, por sua vez, foi à indústria têxtil, devido ao grande aumento de importação de produtos acabados e a forte diminuição de produtos exportados. Em Joinville, observou-se a reestruturação patrimonial de algumas indústrias metal-mecânica e a diminuição de 30% do mercado nacional, que só não foi maior devido a presença de inúmeras micro e pequenas empresas.

3.3 O ARRANJO PRODUTIVO DE MÓVEIS DA REGIÃO DE SÃO BENTO DO SUL

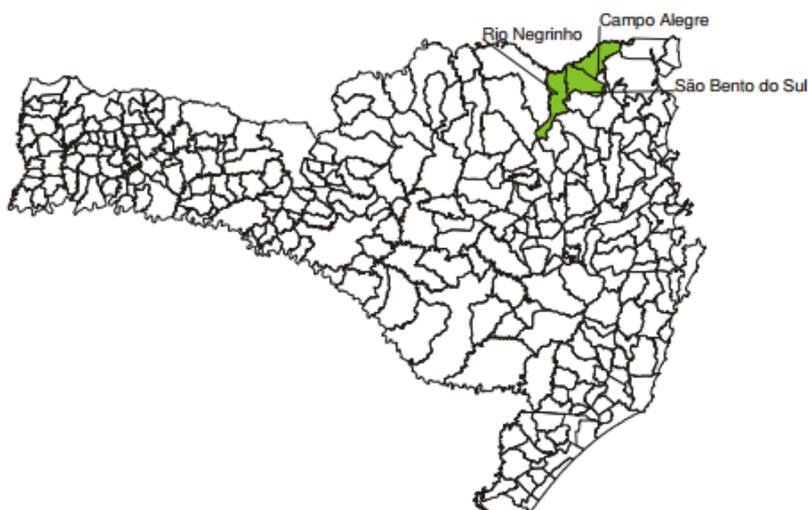
O polo moveleiro da região de São Bento do Sul, também conhecido por indústria de móveis na região do Alto Vale do Rio Negro, é o maior exportador de móveis do Brasil e corresponde aproximadamente por metade das vendas brasileira deste setor no mercado internacional. No arranjo moveleiro de São Bento do Sul existem em torno de 290 empresas e

este compreende os municípios de São Bento do Sul, Rio Negrinho e Campo Alegre (SEABRA, et al, 2008).

Deste modo, segundo a APL AVRN¹⁶ (2008, p. 10), “a indústria de móveis na região do Alto Vale do Rio Negro é a principal economia da região sendo responsável pela concentração na geração direta e indireta de emprego e renda”.

O polo moveleiro de São Bento do Sul está localizado no planalto norte do estado de Santa Catarina, a 259 km de distância da capital Florianópolis e a 117 km do porto marítimo de São Francisco do Sul (Figura 4). A população total desta região é de aproximadamente 115 mil habitantes, sendo que 57% deste total reside em São Bento do Sul (65 mil habitantes), 33% em Rio Negrinho (38 mil habitantes) e 10% em Campo Alegre (12 mil habitantes). Com relação ao município de São Bento do Sul, destaca-se que a indústria moveleira possui uma representatividade de 53% do movimento econômico do município e gera aproximadamente 12.300 empregos diretos – setor responsável pelo maior número de trabalhadores da região (SEABRA, et al, 2008).

Figura 4 – Localização das áreas de produção de móveis no estado de Santa Catarina



Fonte: Seabra et al (2008)

Os móveis fabricados neste arranjo produtivo possuem a madeira maciça de pinus reflorestado como matéria-prima e este arranjo se caracteriza pela produção de móveis para utilização residencial, além de destacar-se pela destinação de 80% da sua produção para

¹⁶ Arranjo Produtivo Local Madeira Móveis Do Alto Vale Do Rio Negro.

atender o mercado externo. De acordo com Meyer (2004), o polo de São Bento do Sul apresenta uma alta competitividade da produção devido ao padrão tecnológico e o know-how adquirido ao longo das décadas.

Segundo o IBGE (2013), o PIB total da região de São Bento do Sul é de 2.546.285 mil reais e o PIB *per capita* total é de 18.336,49 reais. Sendo que o município de São Bento do Sul possui um PIB de 1.769.998 mil reais; Rio Negrinho, 578.628 mil reais; e Campo Alegre, 197.659 mil reais. Em relação à participação no PIB catarinense, a região de São Bento do Sul corresponde a 2,5%.

3.3.1 Elementos históricos de constituição

Diante do processo de consolidação econômica e social da microrregião de São Bento do Sul é possível identificar que seu surgimento foi a partir de uma estrutura existente de matéria-prima: a araucária. Com a colonização deste território pelos povos europeus -em especial o povo alemão, que carregava consigo a cultura do extrativismo e do comércio, no início do século XX - foram iniciadas atividades de artesanato e singelas iniciativas industriais, como a construção de pequenas fábricas, as quais foram beneficiadas pelo aumento do poder econômico dos colonos e também da população brasileira, consequente da industrialização e do aumento das demandas internas do país (GOULARTI FILHO, 2007).

Na mesma época, iniciou-se em São Bento as atividades da Fábrica Móveis Cimo S. A. (Companhia industrial de Móveis), a qual apresenta indícios de ter sido uma das maiores empresas na produção de móveis da América Latina, durante as décadas de 1930 a 1960. De acordo Henkles (2013, s/p), a Fábrica foi “o maior impulso na modernização do quadro econômico de São Bento [...] se considera esta empresa como a primeira indústria na própria acepção moderna desse conceito a se desenvolver”¹⁷.

Deste modo, segundo Meyer (2004), o polo de São Bento do Sul pode ser caracterizado como pioneiro, devido à produção de móveis em um contexto inicial de formação do mercado interno brasileiro e do aumento imigratório que vinha se fortalecendo na época da sua formação. Ainda segundo o autor, a fabricação de móveis surgiu a partir dos imigrantes alemães e se especializou na produção de móveis coloniais de alto padrão.

Neste sentido, Seabra, et al (2008), baseado nos estudos de Kaesemodel (1990), apresenta que houve uma rápida expansão na atividade industrial moveleira na região nas

¹⁷ O quarto capítulo deste estudo aborda mais detalhadamente a história e as contribuições que a Fábrica Móveis Cimo S.A. trouxe para a região de São Bento do Sul e para a indústria moveleira brasileira.

primeiras décadas do século XX e que, a partir dos anos 1940, o aumento na quantidade de empresas na região foi seguido por uma reestruturação das mesmas. Como característica deste período, a indústria moveleira da região de São Bento do Sul era formada basicamente por pequenas e médias empresas, os investimentos de formação de capital eram pequenos e o gerenciamento empresarial era de base familiar.

A partir dos anos 1970, a indústria moveleira de São Bento do Sul teve como principal destaque a produção de móveis escolares e de cadeiras de cinema. Uma importante contribuição neste contexto foi o crescimento da demanda interna brasileira, a qual era consequência do processo de industrialização e do crescimento econômico alcançado após a Segunda Guerra Mundial. Ainda neste período, acontece o grande aumento de crédito e a alta demanda por produtos, o que fez a indústria moveleira da região investir na modernização tecnológica e na reestruturação das empresas (SEABRA et al, 2008).

Contudo, nos anos 1980, com a crise econômica, diminuição do mercado interno, mudança da matéria-prima e no perfil do consumidor, que, não apresentava mais uma preferência por móveis coloniais, levaram a indústria do setor a uma forte reestruturação produtiva e a busca pelo mercado internacional (MEYER, 2004).

A partir dos anos 1990, as indústrias moveleiras do setor caracterizaram-se pelo processo de modernização tecnológica e pela expansão das exportações. Para isso, as empresas de São Bento do Sul desenvolveram melhorias conjuntas de qualidade e produtividade para aumentar a competitividade de seus produtos. Lanzer et al (1998) apud Seabra et al (2008, p. 272), apresentam as condições e contexto de funcionamento desta indústria:

(i) prolongado quadro recessivo da economia brasileira com forte retração no mercado interno de móveis; (ii) escassez de madeiras nobres da região e elevação dos custos de transporte daquela vinda do centro-oeste e norte do país, além de matérias-primas básicas na fabricação; (iii) conhecimento e certa experiência de algumas empresas na exportação de móveis maciços de pinus para a Europa; (iv) experiência e capacidade técnica para trabalhar com essa madeira na produção de móveis em estilo semelhante ao padrão europeu e americano de consumo; (v) disponibilidade na região de grandes áreas florestadas com pinus, matéria-prima demandada nos móveis para exportação.

Deste modo, percebe-se que neste mesmo período, houve a consolidação de diferentes pequenas empresas no processo de exportação, devido a agências exportadoras, pois foram estas que potencializaram a introdução no mercado internacional.

4 MARCAS DE UM LEGADO: A MÓVEIS CIMO S.A

Neste capítulo é exposto a história da Móveis CIMO, em que é destacado sua trajetória e contribuições para a região de São Bento do Sul. No primeiro momento são apresentados os fundadores da Fábrica e posteriormente discorre-se a respeito das diversas razões sociais que foram adotadas. Ao longo deste capítulo, demonstram-se contribuições e a importância da Fábrica para o município de Rio Negrinho e região.

4.1 OS IRMÃOS ZIPPERER

Com a necessidade de encontrar um melhor manejo com a madeira de alta qualidade da região de São Bento do Sul e também para diversificar a produção da serraria e da fabricação de caixas, Jorge Zipperer teve a ideia de fabricar móveis. A partir da produção de caixas, notou-se que as aparas deixadas pela imbuia poderiam ser aproveitadas para a produção dos pés de cadeira 45x4x4. Após inúmeras tentativas de vender as aparas resultantes do processo de fabricação das caixas para outras fábricas da região, Jorge Zipperer e seu irmão Martin passam a elaborar os requisitos que antecederam às instalações de uma fábrica de móveis (SANTI¹⁸, 2000).

Ainda segundo a autora, os irmãos Jorge e Martin Zipperer se destacavam entre os seus contemporâneos pela forma com que conduziam seus empreendimentos - serraria e fábrica de caixas e, posteriormente, a fábrica de móveis. Além disso, os irmãos Zipperer criaram “novas formas de produção e comercialização avançadas para a época, principalmente se considera a região onde estavam localizados, distantes dos centros urbanos mais desenvolvidos” (SANTI, 2000, p. 126).

Nesta direção, Klostermann (2007) evidencia que Jorge e Martin Zipperer formavam uma dupla perfeita, pois enquanto o primeiro era ativo, prático, político e bastante ponderado, o segundo tinha um grande espírito social, era idealista, trabalhava incessantemente no estudo de novos tipos de móveis, na melhoria da qualidade da produção e na redução de custos. Estas características, fizeram de Martin Zipperer o grande designer da Móveis Cimo S.A, possivelmente o primeiro de Rio Negrinho e um dos pioneiros da profissão em nível nacional.

¹⁸ A autora Maria Angélica Santi (2000) discorre a partir dos escritos nos diários de Martin Zipperer e Jorge Zipperer, os quais fazem parte do Arquivo Histórico de São Bento do Sul.

Existem indícios, segundo Santi (2000) e a Revista Moveleira (1990), de que Martin Zipperer aprendeu o ofício de marceneiro na oficina de Francisco Linke, em São Bento do Sul, no início do século XX, e posteriormente, na década de 1910, teria ido a São Paulo, onde permaneceu por onze anos e estudou no Liceu de Artes e Ofícios, que foi uma das mais importantes escolas na formação de marceneiros altamente qualificados do Brasil. Diferentemente, Jorge Zipperer se formou na área do comércio e contabilidade, exercia suas atividades profissionais a partir de serviços burocráticos e comerciais em fábricas da região. Durante sua carreira, dedicou-se aos exercícios políticos, participou da orquestra da Sociedade Harmonia e da Sociedade Musical Euterpe e organizou uma banda de música que existe até hoje na cidade de Rio Negrinho, intitulada como Banda Treml.

Deste modo, ao apresentar uma breve descrição dos fundadores da Fábrica Móveis Cimo S.A., destaca-se o mérito da implantação e viabilização de uma empresa, que foi, segundo Santi (2000, p. 129) “um exemplo de processo e planejamento da produção seriada no Brasil. Foram nas primeiras décadas [...] definidas as metas e a sua identidade ficando seus produtos conhecidos nos mais diferentes estados do Brasil”.

Neste mesmo sentido, Henkels (2013, p. s/n) aponta que,

a Móveis Cimo em seu embrião foi uma iniciativa inovadora do ponto de vista comercial e tecnológico, embora se galvanizasse de uma atividade extrativista evoluindo para industrial, nesse caso uma serraria, para aproveitar o grande potencial madeireiro em substituição à erva-mate, cujo ciclo havia se exaurido irrevogavelmente antes de 1910.

4.2 A MÓVEIS CIMO S.A.

Todos os trabalhos encontrados que possuem a Móveis Cimo S.A como problemática de pesquisa, dos quais pode-se destacar Santi (2000), Klostermann (2007), Heyse (2009) e Ferber, et al. (2012), evidenciam que a Fábrica Móveis Cimo S.A foi conhecida internacionalmente pela alta qualidade e design avançado na produção de móveis, características estas que podem ter contribuído para que seus produtos fizessem parte da composição material de muitos cinemas, auditórios, museus, teatros, residências e escolas.

No entanto, embora a Móveis Cimo S.A. seja evidenciada como uma das maiores empresas na produção seriada de mobiliários durante o período de suas atividades, destaca-se a escassez e desencontros de informações referentes à Fábrica. De tal forma que no processo de pesquisa foram encontradas diferentes informações a respeito do início das atividades da Móveis Cimo S.A.

Para tanto, vale salientar que, Segundo Henkels (2012) e Santi (2000), a firma iniciou suas atividades no ano de 1912, diferentemente de Klostermann (2007), que utiliza o ano de 1913. No entanto, Vidal & Gaspar da Silva (2010) adotam o período de 1873 a 1916 e destacam que, devido às mudanças de razões sociais da fábrica ao longo de suas atividades, pode ter havido desencontros de informações. Nesta direção, Klostermann (2007) aponta para uma provável perda de fontes e referências devido à grande enchente ocorrida em Rio Negrinho no ano de 1989.

Com relação às razões sociais que a Móveis Cimo S.A. adotou ao longo de sua trajetória, Henkels (2012) as apresenta: Jung & Cia; A. Ehrl & Cia; N. Jacob & Cia; Jorge Zipperer & Cia; Cia. M. Zipperer – Móveis Rio Negrinho S/A. e finalmente, Cia. Industrial de Móveis S/A, a qual ficou conhecida pela abreviação Móveis Cimo S.A. Deste modo, as próximas sessões deste estudo se dedicarão a discussão a respeito de cada uma destas etapas.

4.2.1 A Serraria e a fabricação de caixas

No início da década de 1910, Jorge Zipperer e Willy Jung formaram uma sociedade e criaram uma casa de comércio de *secos & molhados* na vila São Bento. Com a prosperidade da empresa, decidiram investir os lucros na construção de uma moderna serraria num terreno de 110 alqueires em “Salto”, local que posteriormente seria a cidade de Rio Negrinho. Neste local, montaram uma serraria e fábrica de caixas para frutas, intitulada *Jung & Cia.*, a qual começou a operar em 1914 (HENKELS, 2013).

Este empreendimento possuía máquinas a vapor para a produção - algo muito incomum para a época - e, além disso, contava com um gerador. Com o desenvolvimento do negócio, foi construída, em 1916, outra serraria em Lageado, Paraná, intitulada Engenho Novo, a qual, posteriormente se mudaria para o município de Mafra, Santa Catarina. Em 1918, a serraria se destacou pela exportação de caixa de frutas para a Argentina, via Rio de Janeiro (KLOSTERMANN, 2007).

Ainda a respeito da Jung & Cia., Bail (2013) expõe que o maquinário foi adquirido na Alemanha, junto com um dínamo, que fornecia iluminação para a indústria, casa comercial e todas as residências dos operários da firma. Contudo, o evento mais importante para a firma aconteceu em 1918, com a aquisição de um terreno na divisa dos rios Negrinho e Serrinha e a Estrada Irany. Outro fator determinante foi a proximidade com a linha férrea, pois, para Henkels (2013, p. s/n), “todo o sucesso do novel empreendimento estava indissociavelmente

ligado à estrada de ferro, que começara a operar no ano anterior e que seria fundamental para o escoamento da produção”.

A respeito de Willy Jung, Bail (2013) discorre que ele e sua família se mudaram de São Bento do Sul para Rio Negrinho em 1918, porém, no ano seguinte, num momento de plena prosperidade da firma Jung & Cia., Willy Jung contraiu a gripe espanhola e, mesmo após os esforços do médico Dr. Ernesto Mauricio Arndt, faleceu em 16 de janeiro de 1919. Com a morte de Willy Jung¹⁹, foi dissolvida a sociedade da firma, pois a viúva de Jung não tinha mais intenção de continuar nos negócios. Deste modo, em 1919, Jorge Zipperer entrou em sociedade com o sapateiro Andréas Ehrl, para suprir as demandas financeiras da firma, que havia pagado uma alta quantia para a família do antigo sócio. Desta forma, a firma mudou sua razão social e passou a ser denominada *A. Ehrl & Cia.*

Figura 5 – Vista da Firma A. Ehrl & Cia. em 1923



Fonte: Prefeitura Municipal de Rio Negrinho, 2013

4.2.2 O início da fabricação de móveis

Com a mudança da razão social para *A.Ehrl & Cia.*, ocorreram três importantes acontecimentos: iniciou-se a fabricação de cadeiras; Martim Zipperer voltou de São Paulo e com ele trouxe diversos técnicos especializados na fabricação de móveis; e houve a primeira grande venda de poltronas de cinemas, as quais foram comercializadas com o CINE SELETA de Santos, São Paulo (KLOSTERMANN, 2007).

Mesmo com a mudança de sócio e da razão social da fábrica, os projetos de ampliação das serrarias continuaram no final da segunda década dos 1900. Como parte desse grande

¹⁹ Em homenagem, uma das principais vias de acesso à cidade de Rio Negrinho foi denominada de Willy Jung, ainda quando a cidade era um Distrito de São Bento do Sul.

investimento, pode-se citar o envio de parte dos recursos necessários para a construção da estrada de Irany²⁰, a transferência das serrarias do Salto para Rio Negrinho e de Lageado para junto à ponte Rodrigues, a aquisição de duas caldeiras, equipamentos e o pagamento da indenização para a família de Willy Jung. Contudo, com os crescentes gastos, em 1919 a Fábrica foi obrigada a contrair empréstimos bancários junto ao Banco Nacional do Comércio, localizado em Joinvile (HENKELS, 2013).

Neste período, a A. Ehrl & Cia, já era pioneira na região de São Bento do Sul no beneficiamento de madeira para fins industriais e de comercialização. Com o início da produção de móveis, passou a representar também a passagem de uma produção artesanal de manufatura doméstica para uma produção mecanizada e em escala, diferentemente das marcenarias da região, que produziam artesanalmente e sob encomenda (SANTI, 2000).

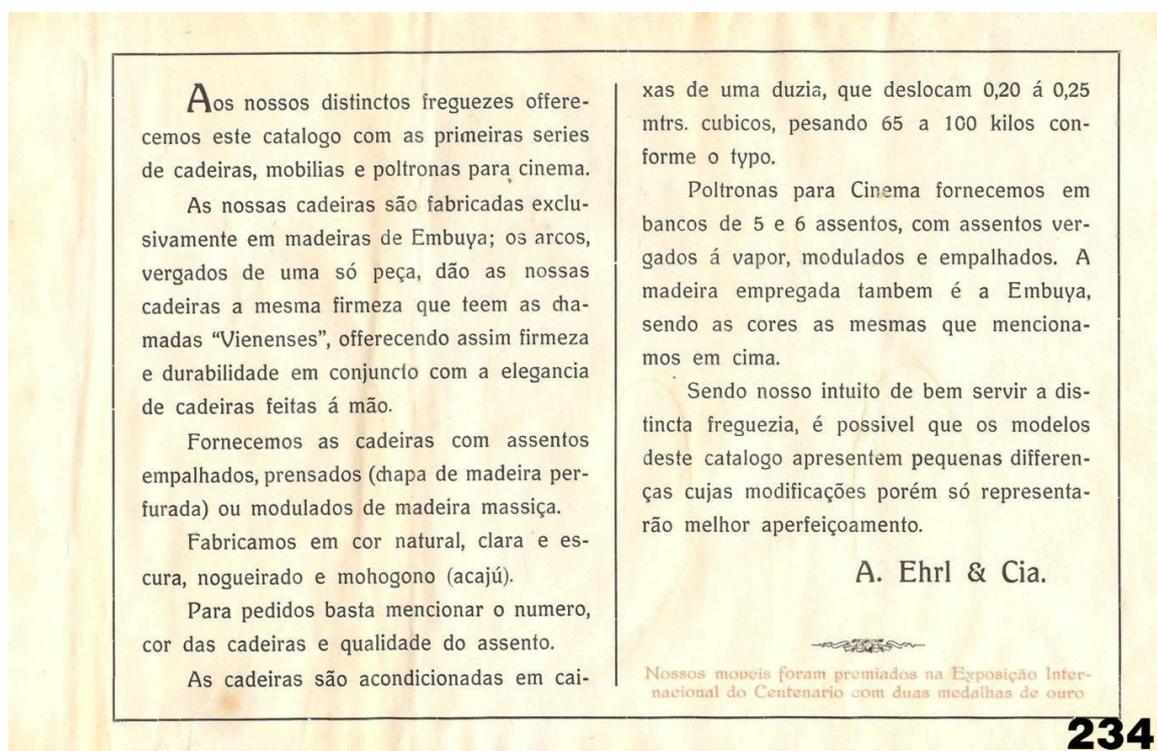
Segundo Santi (2000), para a produção e comercialização de cadeiras, Martin Zipperer estudou a possibilidade de aproveitar as aparas de madeira e posteriormente, para serem comercializadas em São Paulo, a fábrica teve que inovar as técnicas de construção e de produção devido a não adequação dos modelos e métodos empregados na época. Para a viabilização da comercialização das cadeiras em São Paulo, estas teriam que ser desmontadas.

A partir do diário de Martin Zipperer (1972) é possível identificar relatos do autor na elaboração da técnica de desmonte da cadeira. Primeiramente com o estudo das cadeiras da Cia Streif, as quais possuíam peças torneadas e eram vendidas montadas, contudo, Martin Zipperer identificou que esta técnica não seria capaz de atender as demandas da Fábrica. Este problema só foi resolvido, quando Martin Zipperer conheceu o sistema de fazer amarrações dos pés da cadeira através dos arcos, muito utilizado na produção de cadeiras austríacas. Após testes, em 1921, esta tecnologia passou a ser empregada na produção de cadeiras na fábrica de Rio Negrinho.

Com a crescente venda de cadeiras para São Paulo e outras regiões, em 1922, a fábrica participou da Exposição do Centenário da Independência do Brasil e foi agraciada com a medalha de ouro – Classe 13 e 14, com cadeiras para cinema, e classe 64, para Arthur Pfitzenreuter e Móveis Ehrl & Cia (SANTI, 2000). Os prêmios obtidos pela fábrica também foram usados em catálogos divulgados na época.

²⁰ Segundo Henkles (2013), para a construção da estrada de Irany houve recursos dos governos de Santa Catarina e Paraná, do município de São Bento, de alguns moradores do Lageado interessados na construção da estrada e finalmente um aporte de 9:500\$000 – nove contos e quinhentos mil réis pela firma Jung & Cia.

Figura 6 – Catálogo da A. Ehrl & Cia. após os prêmios obtidos.



Fonte: KLOSTERMANN, 2007.²¹

Em seu processo de desenvolvimento, A. Ehrl & Cia., “em função de suas metas, introduziram instrumentos para a industrialização de seus produtos, ou seja, inovação tecnológica e especialização da mão de obra” (SANTI, 2000, p. 137). Deste modo, os móveis elaborados pela Fábrica acompanhavam a modernização das cidades e buscavam atender a crescente demanda mobiliária dos novos serviços e espaços que estavam surgindo no Brasil, principalmente no estado de São Paulo e Rio de Janeiro.

Neste período, Martim Zipperer não se preocupou apenas em desenvolver novos produtos a partir de pesquisas formais, mas preocupou-se, fundamentalmente com questões relativas à produção, como por exemplo, solucionar o desafio de promover uma racionalização do processo produtivo para a produção seriada na fabricação de móveis resistentes, confortáveis, bonitos e com preços baixos. Características estas que não eram comuns entre as fábricas neste período (SANTI, 2000).

²¹ Neste estudo, serão utilizados como fontes os catálogos disponíveis pelo acervo do Museu Carlos Lampe, localizado em Rio Negrinho, Santa Catarina, digitalizados por Klostermann (2007).

Como resultado deste processo, pode-se evidenciar a cadeira N. 32, a qual era mais simples e possuía um preço mais baixo, contudo não havia prejuízos quanto à qualidade. Todas as cadeiras apresentadas na Figura 7 possuem a amarração dos pés em arco vergado.

Figura 7 – Modelos das cadeiras N. 25, N. 32 e da poltrona N. 32 comercializadas pela A. Ehrl & Cia.



Fonte: KLOSTERMANN, 2007.

Neste mesmo catálogo, destacam-se as cadeiras N. 2 e N. 4, as quais foram produzidas pela Fábrica e que, em partes, já superavam as técnicas artesanais. A tabela 5 destaca as técnicas e materiais utilizados na produção e montagem das cadeiras, posteriormente, a Figura 8 ilustra os modelos apresentados a partir do catálogo da A. Ehrl & Cia. da década de 1920.

Tabela 5 – Características das cadeiras N. 2 e N. 4 produzidas pela A. Ehrl & Cia

Cadeira N. 2	Cadeira N. 4
Construída em madeira maciça com largura apropriada, que permite o aproveitamento das aparas de madeira e o acesso ao material em maior quantidade, pois as madeiras largas são mais difíceis de serem encontradas.	O assento e o encosto são de madeira maciça moldada. O formato anatômico do assento propicia apoios laterais às pernas e o encosto curvo acomoda as omoplatas.
As fixações são feitas por parafusos, simplificando os métodos de produção e permitindo a desmontagem – não necessita colagem.	
Os pés dianteiros devem ser simplesmente encaixados com cavilhas no assento, pois estão amarradas pelos arcos, que por sua vez, são parafusados no assento.	Este modelo trás outras dificuldades com relação ao tamanho da madeira: pouco econômico, por utilizar uma quantidade maior de matéria prima do que a cadeira N. 2, no entanto, o processo de montagem é mais simples.

Fonte: Elaboração própria
Dados: Santi, 2000

Figura 8 – Modelos de cadeiras N. 2, N. 3 e N. 4 comercializadas pela A. Ehrl & Cia.

Fonte: KLOSTERMANN, 2007.

Segundo Henkels (2013), em 1923, Jorge Zipperer contraiu tifo e por isso necessitou se ausentar dos negócios da Fábrica por um longo tempo. Embora tenha sido um fato inusitado, isto contribuiu para que a credibilidade da empresa fosse abalada junto ao sistema bancário. Com o aumento da crise financeira da Fábrica, Andréas Ehrl passou a ter que contornar diversas dificuldades administrativas e, por isso, no final deste mesmo ano, decidiu se afastar da sociedade, recebendo uma quantia de 140 contos de réis – portanto obteve lucro referente ao capital investido em 1919.

O processo de separação dos sócios, aparentemente, foi tranquilo e harmonioso. Após o desligamento de Andréas Ehrl, constituiu-se uma nova razão social: *N. Jacob & Cia*. O ingressante nesta nova sociedade era Nicolaus Jacob, que havia sido gerente na primeira serraria em Salto, de 1914 a 1921 (HENKELS, 2013).

Em 1924, os negócios da Fábrica melhoram devido à qualidade dos produtos e do aumento de demanda. Neste ano, venderam aproximadamente 60.000 cadeiras e poltronas de cinema, além de conseguirem avanços nas vendas de caixas e madeira serrada para a construção civil (HENKELS, 2013). No entanto, por problemas interpessoais entre Nicolaus Jacob e funcionários antigos da Fábrica, Jorge Zipperer decidiu em 11 de fevereiro de 1925 dissolver a sociedade (KLOSTERMANN, 2007).

Embora Jorge Zipperer tenha participado de todo o processo de fundação e manutenção da fábrica, chama a atenção que o seu nome nunca havia sido utilizado na razão social. Segundo Henkles (2013), isto ocorreu devido à característica do estatuto societário, o qual era de comandita por ações²², ou seja, Jorge Zipperer era teoricamente o capitalista ou comanditado, por isso não poderia influenciar administrativamente nos negócios. Diferentemente, o outro sócio, por ser o comanditário, deveria dar nome ao empreendimento. No entanto, sabe-se que Jorge Zipperer foi extremamente atuante nos negócios da Fábrica.

Com a saída de Nicolau Jacob da sociedade, o empreendimento passou a ser gerenciado pela família Zipperer e obteve nas décadas seguintes um grande crescimento na produção e comercialização de móveis.

²² Segundo o Portal do Empreendedor (2013, p. s/n) “A sociedade em comandita por ações é uma sociedade comercial híbrida, ou seja, tem aspecto de comandita e de sociedade anônima. Seu capital é dividido em ações, possuindo duas categorias de acionistas semelhantes aos sócios comanditados e aos comanditários das comanditas simples”.

4.2.2 Um período de prosperidade

Com uma nova mudança de sócios e sob a gerência da família Zipperer, a Fábrica passou a ter a razão social *Jorge Zipperer & Cia.* a partir do ano de 1925. Os sócios foram Jorge Zipperer - sócio majoritário, Martin e Carlos Zipperer, além de seus genros João Malinowsky e Carlos Weber (KLOSTERMANN, 2007).

A partir da década de 1920, a Fábrica consolidou sua produção e obteve grande progresso em suas atividades. Com relação à produção, Santi (2000) destaca que os produtos produzidos em períodos anteriores continuaram a ser fabricados, porém alguns sofreram modificações em função de aperfeiçoamentos tecnológicos, de uma maior escala de produção ou de exigências mercadológicas.

No que se refere à aquisição de matéria prima da Fábrica, os estudos de Henkles (2013) apresentam que eram totalmente verticalizados, pois esta assegurava o seu abastecimento. Num primeiro momento, os terrenos adquiridos pela Fábrica tinham uma cobertura de reservas de madeira, posteriormente, houve uma primeira operação de beneficiamento com a criação da serraria. Com o crescimento deste empreendimento, iniciou-se a fabricação de produtos com maior valor agregado - os móveis. Deste modo, a partir da década de 1920, com a consolidação da fabricação de móveis, a Fábrica foi deixando de ser extremamente verticalizada, porém sempre permaneceu centrada na produção da própria madeira serrada a partir de árvores colhidas em pé.

Com o crescimento da Fábrica, a compra de madeira passou a ocorrer a partir dos produtores da região, o que trouxe diversos conflitos, levando em consideração que a negociação se dava em troca de vales compras nas cooperativas que a Fábrica mantinha, pois muitos vendedores se sentiam prejudicados quando seus créditos acabavam (HENKLES, 2013).

Do ponto de vista tecnológico, ainda segundo o autor, a Fábrica evoluiu muito no primeiro momento, principalmente com a instalação de estufas de secagem artificiais de madeira, o que proporcionou uma diminuição dos estoques reguladores e consequentemente nos valores de capital de giro embutidos nestes estoques. No entanto, com a alta demanda da madeira imbuia - principal matéria prima utilizada -, que necessitava de um grande tempo de secagem, boa parte do capital ainda ficava retido.

Santi (2000) aponta que no ano de 1929 foi adquirida uma grande máquina a vapor de 450PS e duas caldeiras de 250PS para aumentar a força motriz da produção e um aumento da capacidade produtiva, ainda no ano anterior, com a ampliação do espaço da fábrica. Além

disso, passou-se a estudar a utilização da madeira compensada na fabricação, a qual ainda era novidade no Brasil.

O desenvolvimento da maquinaria da Fábrica, assim como das técnicas utilizadas foi necessário devido ao crescimento das vendas e da boa aceitação do produto no mercado. Para a produção das cadeiras de cinema e teatro, bem como outros tipos de móveis, eram necessárias madeiras largas e sem defeito, contudo a madeira maciça não atendia mais estas demandas, devido à falta de disponibilidade e da necessidade de se utilizar processos artesanais na produção. Deste modo, foi desenvolvida a técnica de utilização da madeira laminada e colada, pois esta tecnologia permitia a fabricação de superfícies largas, além de favorecer a produção seriada (SANTI, 2000).

No tocante aos produtos produzidos pela Fábrica, Santi (2000) destaca que a produtividade e qualidade foram objetivos perseguidos por Jorge e Martin Zipperer durante todo o período. Para isso foram estabelecidos contatos com a Alemanha para atualização de equipamentos e tecnologias²³; contatos com comerciantes de São Paulo foram mantidos para receber informações sobre a produção nacional, além da realização de pesquisas em revistas moveleiras importantes, as quais foram encontradas pela própria autora em visita a uma antiga fábrica da Móveis Cimo.

Como exemplo de produtos comercializados pela Fábrica neste período, este estudo apresenta a cadeira 1001 - figura 9 -, a qual foi o “carro chefe” de vendas entre os demais produtos comercializados. Segundo Gazaniga (2013, s/n), esta cadeira era fabricada “em imbuia e produzida com um antigo método austríaco de curvar a madeira (vapor), foi a peça mais importante da empresa, pois marcou a transição entre a produção artesanal e o início da produção seriada”.

Neste sentido, Santi (2000, p. 152) destaca que o “desenvolvimento tecnológico e, em decorrência, a inovação nas técnicas construtivas e métodos de produção representaram um marco com relação ao processo anterior, o qual detinha ainda recursos tecnológicos tradicionais, métodos artesanais de produção e utilização”. A partir de uma entrevista concedida a autora, foi constatado que a cadeira 1001 teve uma produção mensal de 30.000 peças e era produzida em apenas uma fábrica.

²³ Os estudos de Santi (2000, p. 147) apontam que em 1929 “[...] Martin Zipperer viajou para Hamburgo, na Alemanha, com o objetivo de conhecer o processo de fabricação do compensado e adquirir o maquinismo necessário para instalação de uma fábrica em Rio Negrinho. [...] Lá estudou a fabricação do compensado e adquiriu uma máquina descascadeira ‘com capacidade para toras de 1.70 metros de comprimento por 1.20 metros de diâmetro, servindo para beneficiamento de qualquer tipo de madeira e para folhas de 0,5 até 8 milímetros de grossura’, (JORGE ZIPPERER, p. 10), oito tanques para vaporizar as toras a serem destacadas e uma estufa para secar madeira”.

Durante o processo de pesquisa, não foram encontradas fontes que pudessem apresentar quais os motivos que fizeram que a cadeira 1001 tivesse uma grande aceitação do consumidor final, porém, destaca-se, a partir da mesma entrevista realizada por Santi (2000, p. 154) que “[...] a produção era enxuta com poucos operários [...] o que provavelmente garantiu essa escala foi o desenvolvimento do produto e os métodos de produção apropriados a seriação”.

Figura 9 – Cadeira 1001 produzida pela Móveis Cimo S.A



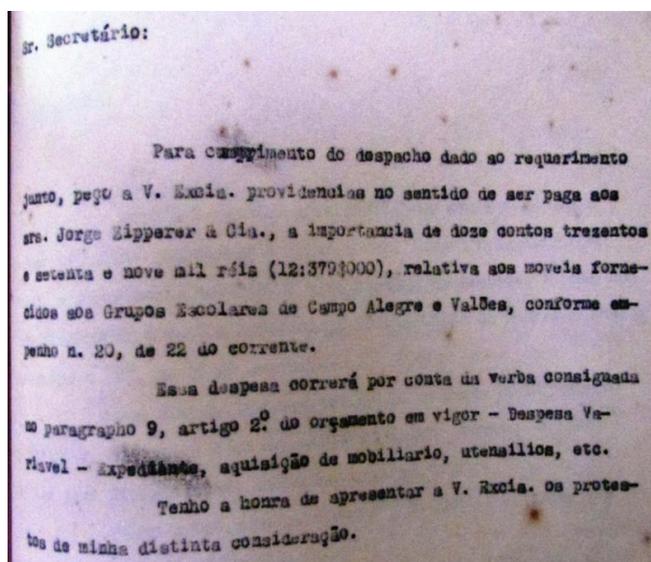
Fonte: GAZANIGA, 2013²⁴

Os estudos de Henkles (2013) demonstram que o escoamento da produção da Jorge Zipperer & Cia. ocorria por meio da estrada de ferro e pela navegação de cabotagem via porto de São Francisco. A empresa responsável pela maior parte do transporte dos produtos, desde 1921, foi a ENNH – Empresa Nacional de Navegação Hoepcke, localizada em Florianópolis. Segundo o autor, em 1932, havia uma conta aberta da Jorge Zipperer & Cia. com a ENNH no valor de 134:100\$000 devido aos fretes. Neste mesmo ano, Henkles (2013), destaca que a Fábrica mudou novamente sua razão social, pois passou a ter o formato jurídico de uma Sociedade Anônima de Ações, deste modo, adotou a razão social *Cia. M. Zipperer – Móveis Rio Negrinho S/A*.

²⁴ Disponível em <<http://mariaalicegazaniga.blogspot.com.br/2011/07/reedicao-cadeira-1001-moveis-cimo-sa.html>>. Acesso em: 24 jun. 2013.

Com relação às atividades comerciais da Fábrica, em pesquisas²⁵ realizadas no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, foram encontrados alguns documentos que demonstram a realização de negócios entre a Fábrica e o estado catarinense. O primeiro²⁶ é um ofício para o então Secretário da Fazenda, Viação, Obras Públicas e Agricultura, Cândido de Oliveira Ramos - figura 10 - de cumprimento de um requerimento enviado por Grupos Escolares de Campo Alegre e Valões, para a compra de móveis, no valor de 12 contos trezentos e setenta e nove mil réis.

Figura 10 - Exemplo das atividades comerciais da fábrica com o estado catarinense, em 1932



Fonte: Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, 1932

Neste segundo documento²⁷ encontrado - figura 11 - é possível identificar uma proposta de fornecimento de mobiliários a grupos escolares, realizada pela Jorge Zipperer & Cia. Na folha 276, o documento apresenta uma lista com mobílias que seriam comparadas pelo estado catarinense para compor os grupos escolares: professor “Luiz Neves”, de Mafra; “Balduino Cardoso”, de Porto União e “Ana Cidade”, de Canoinhas.

²⁵ As pesquisas realizadas no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina se deram a partir do Projeto de Pesquisa “OBJETOS DA ESCOLA: Cultura Material da Escola Graduada (1874-1950) – 2ª edição (CNPq/FAPESC/UDESC)”, coordenado pela Professora Dr.ª Vera Lucia Gaspar da Silva. Tal projeto se vincula a pesquisa Nacional “História da Escola Primária no Brasil: investigação em perspectiva comparada em âmbito nacional (1930 – 1961)”, dirigido pela Professora Dr.ª Rosa Fátima de Souza.

²⁶ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Ofícios para o Departamento de Instrução Pública, julho de 1932.

²⁷ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Ofícios para o Departamento de Instrução Pública, julho de 1932.

Figura 11 - Proposta para o fornecimento de mobiliário

Estado de Santa Catarina
Secretaria do Interior e Justiça

Proposta de nº 101

COPIA - Ilmo. Sr. DIRECTOR DA INSTITUICAO PUBLICA - FIANDEIRO
Jorge Zipperer & Cia., Brasaiaira, Indaiaira, Santa Catarina, para o fornecimento de mobiliário para o Estado de Santa Catarina, em conformidade com o Edital de nº 101, de 27 de Maio de 1932, publicado em 28 de Maio de 1932, e com o Edital de nº 101, de 27 de Maio de 1932, publicado em 28 de Maio de 1932, e com o Edital de nº 101, de 27 de Maio de 1932, publicado em 28 de Maio de 1932.

Em relação e preços abaixo:

10	cadeiras de madeira nº. 0	à	300000	-	300000
10	cadeiras de madeira nº. 1	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 2	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 3	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 4	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 5	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 6	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 7	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 8	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 9	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 10	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 11	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 12	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 13	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 14	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 15	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 16	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 17	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 18	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 19	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 20	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 21	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 22	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 23	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 24	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 25	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 26	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 27	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 28	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 29	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 30	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 31	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 32	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 33	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 34	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 35	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 36	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 37	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 38	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 39	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 40	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 41	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 42	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 43	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 44	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 45	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 46	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 47	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 48	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 49	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 50	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 51	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 52	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 53	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 54	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 55	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 56	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 57	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 58	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 59	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 60	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 61	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 62	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 63	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 64	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 65	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 66	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 67	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 68	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 69	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 70	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 71	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 72	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 73	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 74	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 75	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 76	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 77	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 78	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 79	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 80	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 81	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 82	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 83	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 84	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 85	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 86	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 87	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 88	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 89	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 90	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 91	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 92	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 93	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 94	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 95	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 96	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 97	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 98	à	200000	-	200000
10	cadeiras de madeira nº. 99	à	170000	-	170000
10	cadeiras de madeira nº. 100	à	200000	-	200000

Importa em: DEBESSETE CONTOS QUARENTA E SEIS MIL E QUINHENTOS REIS.....

Todos os mobiliários serão fornecidos em madeira de EMBULÁ, dentro de 60 dias, da data da assinatura do contrato. Os preços entendem-se posto nos Grupos acima mencionados e montados. Os abaixo assigeados, especializados na fabricação de móveis escolares de madeira de EMBULÁ esperam que lhes seja conlizada a execução do referido material.

Junto a esta, uma certidão de que os proponentes não uevem a Fazenda Estadual.

Sob uma estampilha estadual de dois mil réis (2000) lis-se Rio Negrinho, 3 de Junho de 1932.

(ass.) Jorge Zipperer & Cia.

Jorge Zipperer & Cia.

Fonte: Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, 1932

Ainda em 1932, segundo Henkles (2013), a Fábrica teve uma nova mudança em sua razão social, pois passou a ser organizada pelo formato jurídico de uma Sociedade Anônima de Ações, cujo nome era *Cia. M. Zipperer – Móveis Rio Negrinho S/A*. Neste sentido, Klostermann (2007) elucida que não existem muitos registros ou justificativas que expliquem o motivo desta modificação, porém, ressalva que a mudança de razão social pode exemplificar que o comando da empresa passou de Jorge Zipperer para o seu irmão Martin.

A Figura 12 apresenta uma imagem do catálogo da ainda Jorge Zipperer & Cia., na qual se destacam as representações que a Fábrica tinha no território nacional e os principais prêmios recebidos ao longo da sua trajetória.

Figura 12 – Exemplo de prêmios recebidos pela Fábrica



INDUSTRIAS REUNIDAS DE MADEIRAS

JORGE ZIPPERER & CIA.
 ESTAÇÃO RIO NEGRINHO - Est. de Santa Catharina
 BRASIL -- -- -- ENDEREÇO TELEGRAPHICO: „IRM“

Fabrica de Cadeiras, Poltronas para theatros, cinemas, templos, etc. Moveis escolares e para escriptorios -- Serrarias e fabricaçao de caixas -- Folhas de imbuya, cedro e pinho -- Madeiras compensadas

REPRESENTAÇÕES:

Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Florianopolis, Porto Alegre, Belo Horizonte, Bahia, Aracaju, Recife e Fortaleza

Diploma 1.a Classe - SÃO BENTO 1923
 Medalha de ouro - RIO DE JANEIRO . 1922/23
 Medalha de ouro - SÃO PAULO 1928
 Medalha de ouro - SEVILLA 1929
 Medalha de ouro - SÃO JOSÉ 1930

198

Fonte: KLOSTERMANN, 2007

Com relação às representações da Fábrica, Henkles (2013) destaca que estas estavam nos principais centros de consumo brasileiro. O quadro de representações comerciais em 1939 era:

- Rio de Janeiro - P. Kastrupp & Cia.
- São Paulo - P. Kastrupp & Cia. (filial)
- Florianópolis – H. Soncini
- Curitiba – Raymundo Egg & Cia.
- Blumenau – Emílio Rossmark
- Joinville – Theo Moertel & Cia.
- Bahia – Castro, Lima & Cia.
- Recife – J. Leite Basto

4.2.3 Da marca de sucesso à falência

Os negócios da Fábrica estavam se fortalecendo na medida em que as encomendas aumentaram significativamente a partir da década de 1930, juntamente com o seu prestígio nacional e de seus produtos, em especial nos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro. Outra característica neste período foi o pioneirismo da Jorge Zipperer & Cia. em realizar o reflorestamento nos terrenos de sua propriedade, para diminuir custos com matéria prima (KLOSTERMANN, 2007).

No entanto, em 31 de janeiro de 1944, após uma longa enfermidade, Jorge Zipperer faleceu, com 65 anos. Em sua homenagem, segundo Bail (2013), uma escola e uma rua em Rio Negrinho e outra em São Bento do Sul receberam o nome de Jorge Zipperer. Tamanha foi à importância de Jorge Zipperer para Rio Negrinho, que a cidade adotou a data de seu nascimento, 24 de abril, para comemorar o aniversário municipal, e, além disso, a sua residência foi transformada no Museu Carlos Lampe.

Neste mesmo ano, a Fábrica resolveu formar um conglomerado com as empresas ligadas ao seu corpo de representantes. Eram elas: Fábrica de Móveis Maida, Oficina de Artes e Mobiliário Ltda, Leopoldo Reu & Cia, Schauz & Buchmann Ltda, P. Kastrupp & Cia., e Raymundo Egg & Cia. Desta forma, a corporação de sete fábricas formaram a *Cia. Industrial de Móveis S.A*, cujas iniciais formam “CIMO”, nome pela qual ficou conhecida (HENKLES, 2013).

A união destas empresas se deu pelo ganho de competitividade na produção e na aquisição de ferramentas, vernizes e outros materiais, os quais eram importados da Europa. Além disso, conforme Klostermann (2007), nesta época foi elaborada a logomarca da CIMO, também muito conhecida – Figura 13.

Figura 13- Logomarca da Companhia Industrial de Móveis – CIMO



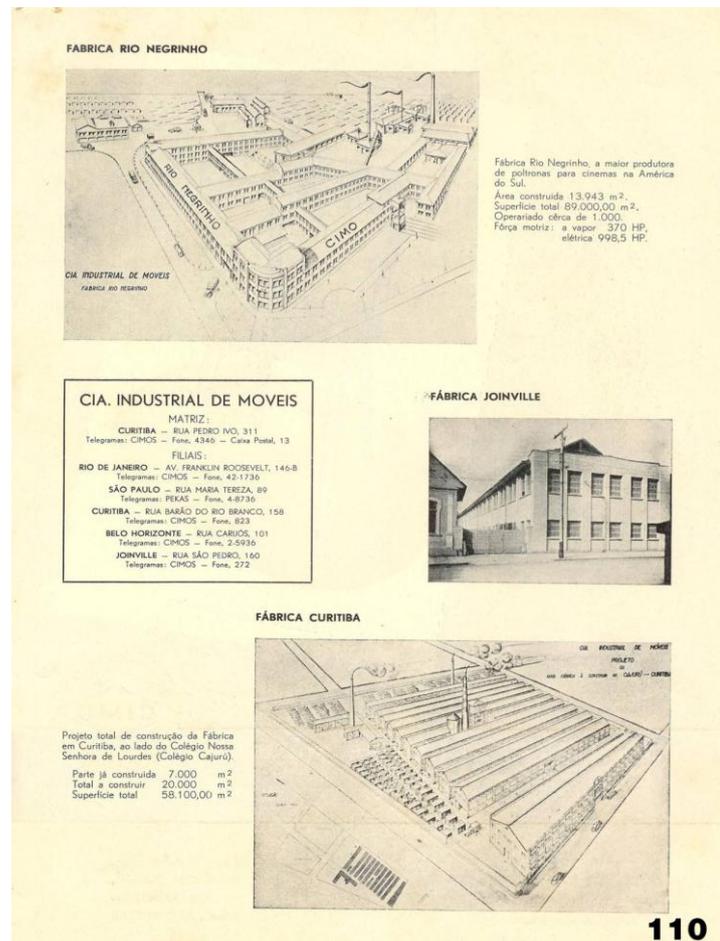
Fonte: KLOSTERMANN, 2007

No ano de 1945, Klostermann (2007) destaca que foi finalizada a construção de um amplo edifício na região central de Rio Negrinho, a qual abrigou a estrutura física da empresa. Segundo a autora, neste período, a CIMO era responsável por mais de 5000 empregos diretos em todas as suas organizações.

Finalmente, em 1954, a empresa mudou novamente sua razão social e passou a ser chamada oficialmente de *Móveis CIMO S/A*. Neste período a empresa caminhava para se tornar a maior fábrica de móveis da América Latina e passou a ter uma administração altamente descentralizada. As fábricas localizam-se em Rio Negrinho - derivada da M. Zipperer S/A e da Schauz & Buchmann -; Curitiba - empresa Raymundo Egg e da Móveis Mada -; Joinvile - Leopoldo Reu -; e no Rio de Janeiro - ligadas a família Kastrupp.

A Figura 14 contém uma das imagens vinculadas no catálogo da Móveis CIMO e apresenta suas principais fábricas - Rio Negrinho, Joinvile e Curitiba. A imagem se refere a Fábrica Rio Negrinho, como a maior produtora de poltronas para cinemas na América do Sul, a qual possuía aproximadamente 1000 operários.

Figura 14 – Informações da Móveis CIMO



Fonte: KLOSTERMANN, 2007

Com relação à Figura 14, nota-se que a matriz da empresa localizava-se em Curitiba. No entanto, Henkles (2013) discorre que até o final da década de 1940, a sede nacional da Móveis CIMO estava localizada no Rio de Janeiro e possuía representantes no Brasil inteiro e exterior. Neste momento o controle decisório majoritário da Móveis CIMO era da empresa Kastrupp, que detinha grande prestígio comercial em todo o país.

Contudo, após alguns anos, a família e a empresa Kastrupp se afastaram da sociedade, por isso a sede da Móveis CIMO oficial foi transferida para Curitiba (HENKLES, 2013). Deste modo, com o apoio da Figura 14, a qual apresenta que a Matriz da empresa se localizava em Curitiba, pode-se concluir que os dados apresentados a respeito do número de operários podem estar relacionados à década de 1950.

Segundo Ogama (2007), os novos representantes oriundos do Rio de Janeiro e Curitiba trouxeram contribuições financeiras e comerciais para a Móveis CIMO. A partir destes

contatos, possibilitou-se o desenvolvimento e fabricação de uma linha de móveis para escritório, denominada Linha DASP - Departamento de Administração do Serviço Público -, o que foi, talvez, a primeira grande padronização de móveis no país. Além disso, a autora destaca que os móveis escolares produzidos pela Móveis CIMO estão presentes até hoje em muitas universidades estaduais e federais, pois a empresa foi a maior produtora de cadeiras para cinema, teatro e auditórios do Brasil.

A mesma autora, ainda apresenta que houve uma racionalização da produção industrial, pois, estrategicamente, a empresa passou a se especializar cada unidade fabril em um determinado setor. Em Rio Negrinho, passou-se a produzir linhas de escritório e uma pequena produção de estofados, diferentemente em Curitiba, a produção especializou-se em móveis para dormitórios e salas de jantar.

No tocante a equipamentos e maquinários, a Móveis CIMO, segundo Ogama (2007) esteve sempre atualizada. Para isso a empresa detinha de um setor de máquinas que cuidava da manutenção e criação de novos modelos personalizados para as funções da empresa. Este desenvolvimento de tecnologia era essencial para a Móveis CIMO, pois a importação de máquinas e equipamentos provenientes da Europa tinham um custo muito elevado.

Como exemplos de tecnologias desenvolvidas pela empresa, a mesma autora, evidencia a máquina de chapeamento de bordas, utilizada para facilitar e agilizar o processo de fabricação, devido a grande demanda. Além desta, a Móveis CIMO foi pioneira na introdução de aplicação do verniz à base de nitro-celulose à pistola. Segundo Heyse (2009, p. 95), a empresa também foi destaque na “introdução da tecnologia da laminação da madeira e o uso de um padrão de design como diferenciais competitivos, que além de diferenciá-los de seus concorrentes foram também práticas seguidas por muitas outras empresas que surgiram na região”.

Com relação à importância da Móveis CIMO, Heyse (2009) explana que a empresa foi uma das mais importantes e representativas do setor moveleiro para a produção de móveis em série no país. Além disso, a autora destaca que a empresa projetou a indústria moveleira e a região do alto Vale do Rio Negro para o Brasil e o mundo.

A presença da Móveis CIMO, segundo a mesma autora, contribuiu para o desenvolvimento das cidades na região e teve papel importante no crescimento das mesmas. A história da empresa está entrelaçada à formação do município de Rio Negrinho, pois as atividades econômicas e sociais que ocorriam em torno da Fábrica contribuíram para que a região fosse primeiramente anexada como um distrito de São Bento do Sul e posteriormente -

a partir da Lei Estadual Nº 133 de 30 de dezembro de 1953 - como o município de Rio Negrinho.

Neste sentido, segundo Rio Negrinho (2013, p. s/n), o desenvolvimento do município “está fortemente atrelado aos primeiros núcleos de imigrantes, que foram se instalando ao longo da estrada Dona Francisca e posteriormente com a construção da estrada de ferro, o núcleo urbano foi se formando em torno da ex fábrica de Móveis CIMO”.

Em entrevistas realizadas com moradores da região de São Bento do Sul, concedidas à Heyse (2009) foi possível identificar contribuições da Móveis CIMO para Rio Negrinho e para a identidade moveleira da região do Alto Vale do Rio Negro. Conforme um dos entrevistados, “todos aprenderam na CIMO. A região - Rio Negrinho - é moveleira por ter nascido aqui a Móveis CIMO, a qual ensinou aos funcionários a arte do fabrico de móveis”. Um ex funcionário da empresa destaca que os “móveis – da Móveis CIMO – sempre foram muito bem acabados e de ótima qualidade. Alias esta foi sempre nossa marca principal. Esta característica é uma herança da empresa CIMO”.

A importância da Móveis CIMO para Rio Negrinho, além dos dados já demonstrados pode ser percebida a partir da Figura 15, a qual apresenta a imagem da empresa um cartão postal da cidade da década de 1940.

Figura 15 – Cartão de Natal do município de Rio Negrinho na década de 1940



Fonte: Bail, 2013.

Outra contribuição, apontada por Heyse (2009), foi de que a Móveis CIMO influenciou o desenvolvimento de outras empresas na região. Como exemplo, pode-se citar a Atlanta Móveis, a qual possui representações em Curitiba, Joinville e Rio Negrinho. A

empresa se formou a partir de um antigo funcionário da CIMO que resolveu montar em sua garagem uma oficina de reforma de sofá. Segundo a autora, a CIMO foi fundamental, pois foi onde o antigo funcionário adquiriu todo o conhecimento técnico.

Além desta empresa, Santi (2000, p.18) destaca que a Móveis CIMO “lançou bases para outras empresas hoje consideradas de ponta no setor, como é o caso da Rudinik, fábrica de móveis de grande porte, localizada em São Bento do Sul, Santa Catarina”.

No entanto, mesmo sendo pioneira em diversas técnicas empregadas na produção de móveis, no desenvolvimento constante de novas tecnologias e por ter adquirido prestígio nacional, em 1982, a Móveis CIMO decretou falência. Segundo Klostermann (2007), existem diferentes versões a respeito deste processo, uma delas diz respeito ao afastamento de Martin Zipperer do comando da empresa.

Com a mudança da administração da Móveis CIMO²⁸, Martin Zipperer passou a ter pouca influência nas decisões gerais da empresa, pois o poder decisório foi deslocado para Curitiba e portanto, mais ligado aos grupos paranaenses da corporação, em especial a Raymundo Egg. Além disso, destaca-se que o processo de sucessão na empresa familiar foi marcado por diversos atritos entre os herdeiros, o que fez Martin Zipperer se afastar da Móveis CIMO. Conseqüentemente, após alguns anos a empresa entrou em falência, levantando suspeitas, entre a população de Rio Negrinho, da importância de Martin Zipperer nas tomadas de decisões. (HENKLES, 2007).

Outra versão, elucidada que o Grupo LUTFALA, que adquiriu grande parte das ações da Móveis CIMO, não tinha interesse em reerguer a empresa, mas apenas tinha o objetivo de auferir lucros com a venda das partes (KLOSTERMANN, 2007).

Com relação à fase final da empresa, Henkles (2013) destaca que no final da década de 1960 grandes indústrias de produção de painéis de fibra de madeira aglomerada se instalaram no Brasil. Deste modo, houve uma mudança no eixo de produção de móveis no país, além de aumentar a concorrência no setor.

Neste contexto, o autor afirma que a Móveis CIMO, não modificou sua base produtiva, mantendo, dessa forma, a produção verticalizada, com base na madeira maciça. No entanto, as grandes indústrias recém-instaladas no país utilizavam como matéria-prima a fibra de madeira aglomerada, a qual detinha ganhos na competitividade, por ter menores custos.

²⁸ Antes da formação do conglomerado de empresas, que deu origem a Móveis CIMO S.A, Martin Zipperer participava ativamente das decisões na fábrica Jorge Zipperer & Cia. Após a associação com outras empresas, ele passou a ser o Diretor Superintendente, contudo, aos poucos foi perdendo espaço nas decisões importantes da empresa, devido a conflitos com outros membros da direção (HENKLES, 2013).

Com a diminuição dos lucros, devido à introdução de uma nova variante tecnológica e produtiva, a qual a Móveis CIMO não utilizava, em 1970 a empresa passou a sofrer crises financeiras e administrativas. Além disso, em 1971, a unidade fabril de Joinville foi destruída por um incêndio e, em 1972, ocorreu outro, porém na fábrica de Rio Negrinho (HENKLES, 2013).

Para reaver os prejuízos e modernizar o padrão construtivo, o qual era externamente de alvenaria e madeira, decidiu-se pela construção de uma nova e moderna unidade fabril, os recursos foram obtidos a partir do BRDE – Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul. No entanto, em 1976, com o agravamento da crise financeira da empresa, o BRDE convocou uma assembleia de acionistas e destituiu a diretoria, nomeando outra. Além disso, foi imposta a abertura do pedido de concordata preventiva (HENKLES, 2013).

Por não concordar com a intervenção do BRDE na empresa, Egg - diretor gerente - e herdeiros da família Zipperer venderam seus ativos a Eduardo e Felipe Lutfalla, irmãos da esposa do governador do estado de São Paulo, Paulo Maluf. Deste modo, segundo Henkles (2013), o controle acionário da Móveis CIMO passou para o grupo Lutfalla, que deteve 62% das ações. Desde a compra das ações, o grupo não demonstrou interesse em reerguer a empresa, e sim em obter ganhos com os lucros provenientes com a venda das partes da empresa. Com isso, em fevereiro de 1982, foi decretada a falência da Móveis CIMO S.A., terminando assim uma era.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do processo de pesquisa buscou-se reunir informações sobre a Móveis CIMO S.A e suas contribuições para a cidade de Rio Negrinho e região. No entanto, ao longo deste estudo foram encontrados poucos trabalhos que dizem respeito à trajetória da Fábrica, uma vez que os que foram encontrados concentram as análises, principalmente, no campo do Design. Deste modo, esta pesquisa buscou encontrar e organizar diversas fontes que estavam disponíveis em acervos municipais e estadual, e na internet, em especial informações presentes em blogs de moradores da região de Rio Negrinho.

Para iniciar os debates em torno da Móveis CIMO e situar o leitor a respeito da temática, no segundo capítulo, a respeito do referencial teórico, foi apresentada uma discussão acerca da indústria moveleira brasileira. Nesta sessão foram apresentadas suas características, os principais polos moveleiros e uma breve descrição histórica da fabricação artesanal à produção seriada. Com isso, entende-se que a indústria moveleira brasileira é muito heterogênea, apresenta uma das mais tradicionais atividades da indústria de transformação, é geradora de muitos empregos e produtora de uma importante fonte de riqueza para o Brasil. No entanto, destaca-se que nos últimos anos as importações de produtos moveleiros têm sido ampliadas, contudo a indústria nacional tem se mostrado sólida e apta para responder a este aumento de competitividade.

No terceiro capítulo, procurou-se elucidar ao leitor sobre as características gerais do estado de Santa Catarina, sua formação econômica e social, além de apresentar a configuração geral da região de São Bento do Sul, local onde foi fundado a Móveis CIMO. Neste capítulo, é possível identificar que o estado catarinense contém uma diversificação econômica e social entre as suas regiões, devido a diferentes processos de povoamento, geográficas e políticas empregadas ao longo da sua história. Destaca-se, neste contexto, que a economia catarinense, está inserida na conjuntura brasileira de desenvolvimento, por isso, recebeu influência direta desta.

O último capítulo, por sua vez, aborda a história da Móveis CIMO. Para isso, fez-se uso dos documentos e informações disponíveis para tecer reflexões a respeito de sua trajetória. Mas principalmente, teve-se como objetivo encontrar e identificar fontes que pudessem representar a importância e contribuições da Fábrica para a constituição da cidade de Rio Negrinho, assim como para a região de São Bento do Sul, que conforme foi apresentado ao longo do estudo, é um dos principais polos moveleiros do Brasil e responsável pela maior parte das exportações nacionais.

No entanto, durante o decorrer da pesquisa também foram encontradas informações que apresentam contribuições da Móveis CIMO para toda a indústria moveleira nacional, mediante o seu pioneirismo em diversas técnicas e tecnologias desenvolvidas na produção dos móveis comercializados.

Além disto, foi possível identificar que esta empresa está presente na memória de moradores, conforme apresentado nas entrevistas utilizadas e também em contatos realizados durante o andamento da pesquisa com funcionários do Museu Carlos Lampe, antiga residência de Jorge Zipperer, localizado em Rio Negrinho.

Com a elaboração deste trabalho, espera-se que novos pesquisadores venham a se dedicar nesta temática, pois os estudos sobre a Móveis CIMO podem trazer inúmeras reflexões e contribuições sobre a formação de um importante polo moveleiro catarinense e brasileiro. Inserido nas discussões sobre a formação econômica catarinense, espera-se que os novos investimentos, mistérios e lacunas sobre a Fábrica possam ser descobertos e que a Fábrica possa ser referenciada nas principais bibliografias históricas e econômicas como uma importante empresa de Santa Catarina.

Além disso, pela escassez de trabalhos, a Móveis CIMO se apresenta como um campo muito rico para novas pesquisas. Destaca-se que, além da história da Fábrica, seus mobiliários produzidos estão presentes em diversos contextos, como por exemplo, o educacional, dessa forma, também podem demonstrar inúmeras relações com as pessoas, rotinas e instituições.

REFERÊNCIAS

ABIMÓVEL, Associação Brasileira das Indústrias do Mobiliário. **Panorama do setor moveleiro**. Disponível em <<http://www.abimovel.org.br>> Acesso em 25. mai. 2013.

AMARAL FILHO, Jair do. A endogeneização no desenvolvimento econômico regional e local. In: **Planejamento e Políticas Públicas**, p. 262-286, 2001.

ARRANJO PRODUTIVO LOCAL MADEIRA MÓVEIS DO ALTO VALE DO RIO NEGRO, 2008. **Projeto do Arranjo Produtivo Local Madeira Móveis: Plano Plurianual 2007 a 2011**. Disponível em: <http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1248271081.pdf> Acesso em: 19 mai. 2013.

ARRUDA, Glória Lúcia Rodriguez Correia de. **O Design na indústria moveleira brasileira e seus aspectos sustentáveis: estudo de caso no polo moveleiro de Araçatuba-PR**. Dissertação (Mestrado em Design) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2009.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Ofícios para o Departamento de Instrução Pública**. 1931/1932.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Ofícios para o Departamento de Instrução Pública**. julho de 1932.

AZEVEDO, Alessandra Bandeira Antunes de. **As implicações da difusão de normas técnicas para o aperfeiçoamento tecnológico da indústria moveleira**. Dissertação (Mestrado em Geociências) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

BAIL, Osmair. **Blog Rio Negrinho no Passado**. Disponível em: <<http://blogdoosmairbail.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 10 jun. 2013.

BASTOS, Maria Helena Câmara; LEMOS, Elizandra Ambrosio; BUSNELLO, Fernanda. A Pedagogia da ilustração: Uma face do impresso. In: BENCOSTTA, Marcus Levy (org.). **Culturas Escolares, Saberes e Práticas Educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007, p. 48-78.

BAYEUX, Glória. **O móvel da casa brasileira**. São Paulo, Museu da Casa brasileira, 1997.

BRANDÃO, Angela. **Anotações para uma história do mobiliário brasileiro do século XVIII**. Revista CPC, n. 9, p. 42-64, São Paulo, 2010.

CARIO, Sílvio A. F.; PANCERI, Reginete; FLAUSINO, Elisabete S.; BITTENCOURT, Márcio; MONTIBELLER FILHO, Gilberto; CAVALCANTI, Paulo Roberto. **Economia de Santa Catarina: inserção industrial e dinâmica competitiva**. Blumenau: Nova Letra, 2008.

CASTRO, Luiz Humberto de. **Arranjo Produtivo Local**. Brasília: SEBRAE, 2009. 44 p. (Série Empreendimentos Coletivos).

COMERLATTO, Lairton Marcelo. **Processos locais e dinâmicas mundiais: estudo sobre a indústria de móveis de São Bento do Sul (SC) na perspectiva das cadeias mercantis globais**. Dissertação (Mestrado em Economia) – Centro Sócio Econômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

CORRÊA, Walquíria Krüger. **Considerações sobre a formação territorial e econômica de Santa Catarina**. GeoSul, v. 14, n. 27, p. 25-44, Florianópolis, 1999.

COUTINHO, Luciano; SILVA, Ana Lúcia Gonçalves da; SANTOS, Ronaldo Marcos dos; PAMPLONA, Telmo; FERREIRA, Marcos José Barbieri. **Design na Indústria Brasileira de Móveis**. Alternativa Editorial; Curitiba; 2001.

EMOBILE. **Dados Gerais do setor moveleiro brasileiro**. Disponível em: <<http://www.emobile.com.br/dados-do-setor-moveleiro/dados-gerais.html>>. Acesso em: 25 mai. 2013.

FERBER, Luiza Pinheiro; KINCHESCKI, Ana Paula de Souza; SOUSA, Gustavo Rugoni de. **Móveis Cimo S.A: Notas Iniciais acerca do mobiliário em escolas primárias catarinenses**, 2012. (no prelo).

FERREIRA, Marcos José Barbieri; GORAYEB, Daniela Salomão; ARAÚJO, Rogério Dias de; MELLO, Carlos Henrique; BOEIRA, Jorge Luis Ferreira. **Relatório de acompanhamento setorial da indústria moveleira**. Campinas – SP, 2008. Disponível em: <www.eco.unicamp.br/neit/images/stories/arquivos/RelatorioABDI/moveleira_vol-I_junho2008.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2013.

GALINARI, Rangel; TEIXEIRA JUNIOR; Job Rodrigues; MORGADO, Ricardo Rodrigues. **A competitividade da indústria de móveis do Brasil: situação atual e perspectivas**. BNDES Setorial, 2013. Disponível em: <www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/bnset/set3706.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2013.

GAZANIGA, Maria Alice. **Reedição da cadeira 1001 – Móveis CIMO**. Disponível em: <<http://mariaalicegazaniga.blogspot.com.br/2011/07/reedicao-cadeira-1001-moveis-cimo-sa.html>>. Acesso em: 20 jun. 2013.

GIL, Antônio Carlos; FARLEY, Joshua. **Técnicas de pesquisa em economia e elaboração de monografias**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GORINI, Ana Paula Fontenelle. **A Indústria de móveis no Brasil**. Curitiba: Alternativa Editorial, 2000.

GORINI, Ana Paula Fontenelle. **Panorama do setor moveleiro no Brasil, com ênfase na competitividade externa a partir do desenvolvimento da cadeia industrial de produtos sólidos de madeira**. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/bnset/set801.pdf> Acesso em: 19 mai. 2013.

GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação Econômica de Santa Catarina**. 2 ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

HENKELS, Henry. **Móveis Cimo** – sua História. Disponível em: <https://sites.google.com/site/hhenkels/hist%C3%B3ria_sbs/mov_cimo1> Acesso em: 19 mai. 2013.

HEYSE, Cirene Linzmeier. **O desenvolvimento do setor moveleiro no padrão de design e na identidade socioeconômica e cultural na região do Alço Vale do Rio Negro**. 2009. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Campos Universitário de Canoinhas, Universidade do Contestado, Canoinhas, 2009.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 26 mai. 2013

INFOESCOLA. **O que são blogs?**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/informatica/o-que-sao-blogs/>>. Acesso em: 25 jun. 2013.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Sinopse Social IPEADATA**. Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br>>. Acesso em: 20 mai. 2013.

KLOSTERMANN, Lara Anelise. **Banco de Imagens de Catálogos da Móveis CIMO S/A**. Monografia apresentada à Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curso de Especialização em Design de Interiores. Curitiba 2007 Orientadora: Laís Cristina Licheski.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1992.

LASTRES, Helena M. M.; CASSIOLATO, José E.; LEMOS, Cristina; MALDONADO, José; VARGAS, Marco A. Globalização e inovação localizada. In: CASSIOLATO, J. E.; LASTRES, H. M. M. **Globalização & inovação localizada: experiências de sistemas locais no Mercosul**. Brasília: IBICT/MCT, 1999.

LIMA, Jorge. **Desafios e oportunidades da importação de máquinas e equipamentos para a indústria moveleira**. Disponível em: <<http://www.emobile.com.br/midia/artigos-portal/item/11758-desafios-e-oportunidades-da-importa%C3%A7%C3%A3o-de-%C3%A1quinas-e-equipamentos-para-a-ind%C3%A1stria-moveleira.html>>. Acesso em: 1 jun. 2013.

LUCIE-SMITH, Edward. **Furniture: a Concise history**. London: Thames & Hudson, 1997.

MEIRELLES NETO, José. **Instrumentos econômicos para política ambiental: o caso do ICMS ecológico em Mato Grosso**. Monografia apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de Ciências Econômicas. Florianópolis, 2011. Orientador: Lauro Francisco Mattei.

MELLO, João Manuel Cardoso de. **O Capitalismo tardio: Contribuição à revisão crítica da formação e do desenvolvimento da economia brasileira**. 9 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. "Taxa de escolarização" (verbete). **Dicionário Interativo da Educação Brasileira** - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2002. Disponível em: <http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=347>. Acesso em: 25 jun. 2013.

MEYER, Manfredo. **Os determinantes microeconômicos das exportações do polo moveleiro de Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado em Economia) – Centro Sócio econômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

MOVELEIRO MÓVEIS & DESING. História da Indústria e Comércio do Mobiliário no Brasil – os Pioneiros. **Revista Moveleira**. São Paulo, Editora Moveleiro, ano 10, n. 97, jun. 1990.

OGAMA, Marília Sugai. **Móveis Cimo e a industrialização do mobiliário no Brasil** – parte 1, 2007. Disponível em: <http://www.totalmoveis.com.br/nw_show_news.asp?idnot=0889&ided=060>. Acesso em: 19 mai. 2013.

PORTAL DO EMPREENDEDOR. **Sociedade em comandita por ações**. Disponível em: <<http://www.portaldoempreendedor.gov.br/legislacao/sociedade-em-comandita-por-acoes>>. Acesso em: 16 jun. 2013.

PORTAL ECONOMIA DE SANTA CATARINA. **Economia catarinense**. Disponível em: <<http://www.fepese.org.br/portaldeeconomia-sc/index.php?c=economia>>. Acesso em: 25 mai. 2013.

PRADO JÚNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. 49. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

PREFEITURA RIO NEGRINHO. **A cidade: história**. Disponível em: <<http://www.rionegrinho.sc.gov.br/?pagina=historia>>. Acesso em: 16 jun. 2013.

SANTI, Maria Angélica. **Contribuições aos estudos sobre as origens da produção seriada do mobiliário no Brasil, a experiência Móveis Cimo S/A**. Dissertação (Mestrado em Design) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

SEABRA, Fernando; PAULA, Débora de; FORMAGGI, Lenina. Arranjo Produtivo de Móveis da Região de São Bento do Sul. In: CARIO, Sílvio A. F.; PANCERI, Reginete; FLAUSINO, Elisabete S.; BITTENCOURT, Márcio; MONTIBELLER FILHO, Gilberto; CAVALCANTI, Paulo Roberto. **Economia de Santa Catarina: inserção industrial e dinâmica competitiva**. Blumenau: Nova Letra, 2008.

SECRETARIA DO ESTADO DO PLANEJAMENTO. **Produto Interno Bruto dos Municípios**. Disponível em: <<http://cepa.epagri.sc.gov.br/pib/apresentacao.htm>>. Acesso em: 25 mai. 2013.

SMITH, Robert. Igrejas, casas e móveis. **Aspectos da arte colonial brasileira**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1979.

SUZIGAN, Wilson. **Indústria brasileira: Origem e desenvolvimento**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2000.

VALENÇA, A. C. V., PAMPLONA, L. M. P., SOUTO, S. W. **Os Novos Desafios para a Indústria Moveleira no Brasil**. BNDES Setorial, Rio de Janeiro, nº15, p. 83-96, mar.2002.

VERÍSSIMO, Francisco Salvador; BITTAR, William Seba Mallmann. **500 anos da casa no Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

VIDAL, Diana Gonçalves; GASPAR da SILVA, Vera Lucia. Por uma história sensorial da escola e da escolarização. **Revista Linhas**. v. 11, n. 2, jul./dez.2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas>>. Acesso em: 19 mai. 2013.